ANO V

NUMEROS 29 e 30

EDUCANDO

Revista

SOB OS AUSPÍCIOS

DA ASSOCIAÇÃO
DOS
PROFESSORES PRIMÁRIOS
DE
MINAS GERAIS

JANEIRO E FEVEREIRO DE 1944

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO
N.º 527
Data 22-11-78
BIBLIOTECA

Um lustro ★

Nossa revista ingressa, com o presente número, no seu quinto ano de existência. Já não é, pois, uma tímida tentativa, mas uma realidade. O tempo reveste de autoridade e de respeitabilidade os periódicos, quando êles não se desnaturam, e, ao contrário, se manteem fiéis aos nobres propósitos para que surgiram, e procuram refletir os melhores ideais das novas épocas em que vivem.

EDUCANDO propôs-se conduzir a flâmula de renovação escolar que desde duas décadas, ou desde 35 anos, se remontarmos a João Pinheiro, se levantou em Minas. Não era dificil prever as dificuldades que se interporiam entre nós e os objetivos que tinhamos em vista. Estimávamo-las devidamente. Mas a viva conciência da necessidade e do dever nos levou à aventura.

Mês a mês, com raras e justificáveis faltas, nossa revista levou às escolas de todos os rincões de Minas uma mensagem de afeto, de compreensão, de estímulo, às denodadas batalhadoras da educação popular, e serviu-lhes modesta iguaria intelectual destinada a despertar-lhes a energia, conservar-lhes o entusiasmo, possibilitar-lhes a renovação de um trabalho que, por se destinar à avidez, á irriquietude, à variabilidade da natureza infantil, precisa apresentar-se sempre sob novas formas e diferentes e sugestivas aparências.

EDUCANDO... continua pobre, como nasceu.

Mas pobre, daquela pobreza biblica de Jó, traz consigo a imensa riqueza de se consolar pela utilidade, que tem, e pelo bem, que propicia. Ensinar a ensinar é das mais belas tarefas humanas. E tal é a nossa missão: ensinar no mais alto sentido, isto é, não dogmatizar, não impôr idéias, não estatuir cânones impreteríveis, mas opinar, mas aconselhar ,mas sugerir, mas estimular, enfim, servir de fermento às inteligências e aos corações, para que êles, conjugando suas aquisições e suas inspirações, possam melhorar sempre sua atitude profissional e possibilitar o contínuo crescimento mental e moral da infância mineira.

Cumpre-nos fazer um apêlo, que não será o último, como não é o primeiro, ao espírito de cooperação do magistério, no sentido de aumentar seu apôio pecuniario à nossa revista, assinando-a e angariando assinaturas, para que, nesta quadra de assinaladas dificuldades financeiras, ela possa vencer a corrente e continuar a servir à escola mineira.

Coincide o aparecimento dêste número com a reabertura dos cursos primários. Ao colmeal voltam as abelhas, dispersas durante as férias. Reunem-se os materiais para uma nova temporada d efabrico de mel.

Recebam,neste ensêjo ,todos os operários, pequenos e grandes, a nossa saudação amiga, os nossos votos de completo êxito, e as nossas esperanças de que a cooperação amiga de professores e dirigentes escolares nos permita continuar levando nosso modesto auxílio ao seu benemérito trabalho.

Nós e êles, decerto, tudo faremos para que EDUCANDO... continue, indefinidamente,... educando.

EXPEDIENTE

"EDUCANDO"

REVISTA DE ORIENTAÇÃO TÉCNICO- PEDAGÓGICA

Registrada no D.I.P. sob o n. 14.604

*

Direção e Redação
MARIETA LEITE

Gerência
LEONILDA S. MONTANDON
ZEMBLA PINHEIRO CHAGAS

Rua Bernardo Guimarães, 2.200
Fone — 2-0267
Colaboradores diversos

*

Assinatura (12 ns.) . . Cr$24,00
Assinatura especial para sócios da Associação Cr$18,00
Número avulso . . . . Cr$ 2,50

*

Caixa Postal, 354
BELO HORIZONTE

SUMÁRIO

UM LUSTRO 767

ASPECTOS DO PROGRESSO DO ENSINO EM MINAS 769

PROBLEMA VITAL — Maria Luiza de Almeida Cunha 777

A CFUZ NA CLAREIRA — (*Poesia*) — Vinicius Meyer 779

CONVERSAS DE LABORATÓRIO — H. Marques Lisbôa 780

GEOGRAFIA LOCAL — Aramita Alves dos Santos 785

O CLUBE AGRICOLA EM PALESTRA — Daniel Antipoff 789

O PROBLEMA DO MENOR ABANDONADO — Salvador Pires Pontes 793

RESPONDENDO — L. M. 796

GINÁSTICA HISTÓRICA 799

O VALOR DA LEITURA SILENCIOSA — Pennell e Cusack 800

RADIO INCONFIDÊNCIA 803

SITUAÇÃO DEMOGRAFICA DO ESTADO DE MINAS 804

IMPRESSA NA
GRAFICA QUEIROZ BREINER LTDA.
AV. AFONSO PENA, 351 — BELO HORIZONTE

ASPECTOS DO PROGRESSO DO ENSINO EM MINAS

Ao ensêjo da abertura dos trabalhos do curso primário, em nosso Estado, o Dr. Eliseu Laborne e Vale, Chefe do Departamento de Educação, pronunciou aplaudido discurso, em que enalteceu a atuação dedicada e eficiente do professorado mineiro e focalizou aspectos do progresso do ensino e m Minas, através da eloquência dos dados colhidos pelo órgão técnico que superintende.

Ao transcrever o brilhante e significativo trabalho, EDUCANDO se sente orgulhosa em felicitar a todos os professores de Minas Gerais que, com sua dedicação sempre pronta e vigilante, muito tem concorrido para colocar a escola primária na vanguarda do movimento educacional de tôdo o país.

"Quaisquer que sejam os empreendimentos humanos, congêneres ou díspares as esferas de ação, paralelos ou divergentes os caminhos, há sempre que obedecer a um conjunto de preceitos, se quisermos multiplicar as possibilidades de realizá-los.

No fragor e tumulto das batalhas, são os preceitos de estratégia e tática. Nos problemas, com que o progresso social desafia e movimenta a inteligência humana, as normas são as mesmas: conhecimento do terreno, plano de ação, conduta das operações. Propor claramente os objetivos, sabendo o que se quer, como, porque e para que se quer especificada cousa, é fundamento da ação estratégica e tática, exercitada nos territórios pedagógicos, em tudo semelhante a que anima, em outros setores da atividade, militares e civis, para, na medida da falibilidade humana, assegurarem o êxito dos empreendimentos.

O Governador Benedito Valadares e o seu Secretário da Educação, focalizando o problema do ensino elementar em Minas, determinando-lhe os pontos fracos e fortes, estabelecendo clara e objetivamente as suas finalidades, tornaram exequível uma atuação segura, cujos resultados encorajadores, pela sua extensão e profundidade, deixam antever imprevisíveis, mas benéficas ressonâncias na evolução do Estado.

Como primeiro passo, ponderou o Govêrno que, dentro da educação elementar, merecia porfiado estudo a questão do ensino primário comum, base de quantas cruzadas educativas se pretende levar avante e elemento de profunda repercussão em todos os quadrantes — quer sejam politicos, sociais ou econômicos.

Mantido o propósito de se cuidar predominantemente do ensino primário comum, surgiu uma consideração de ordem estatística de influência manifesta sôbre o roteiro administrativo.

Computando-se, como população em idade escolar ,a compreendida entre 7 e 12 anos, a de Minas seria cerca de 750.000 almas.

A matrícula das escolas estaduais, municipais e particulares oscila em torno de meio milhão, ou sejam, aproximadamente, dois terços da população escolar.

Em outras palavras: a escola mineira atenderia a 66% da nossa infância.

A' primeira vista, seria lógico supor que a escola alfabetizasse igual percentagem de crianças. Não obstante, é sabido que, no Brasil, a taxa dos que recebem as messes da escola se revela sensivelmente menor. Explica-se o fato pela repetência, a que se aliam outras causas, e, sobretudo, altos contingentes de crianças que deixam a escola como entraram: analfabetas.

Esta simples verificação, somada a considerações de ordem cultural, social e econômica, ocasionou funda modificação na politica educacional do Estado.

Começou o Govêrno por encarar o problema do ensino como sendo principalmente um problema de

profundidade e accessoriamente de superficie. O sentido de sua solução séria, portanto, marcadamente vertical. Com este pensamento, deu-se, a nosso ver, o primeiro e decisivo passo. O Govêrno de Minas, por meados de 1938, lançava a reforma da Secretaria da Educação. Muito certamente, advieram extensas e intimas modificações no organismo escolar.

A sabedoria da reforma está, pensamos, na separação, quanto possível, da Secretaria em dois hemisferios: um administrativo e outro técnico. Hemisférios que, como os da terra, se ajustam e se superpõem na formação de uma unidade.

Os abalos e choques, via de regra, resultantes de interesses e pretensões das partes, nascem, vivem e morrem na vertente administrativa da repartição, sem maiores reflexos sobre as funções de que se investe a parte técnica.

Esta estrutura permitiu proveitosa influência nos destinos do ensino. De fato, a reforma criava o Departamento de Educação, órgão técnico da Secretaria, incumbido, entre o mais, de controlar e orientar a escola mineira.

Normas de trabalho, metódos e processos modernos de ensino, colaboração ativa e constante com as escolas, em regime de entendimento cordial; o exame da situação de cada unidade, com o fim de, apontando-lhe as falhas, indicar-lhe igualmente o remédio; o programa de valorização do magistério, com o enaltecimento do mister de educar; o propósito sempre assegurado de favorecer o professorado com frequentes instruções relativas ao ensino; a difusão entre os mestres de publicações concernentes à técnica e à administração escolar, enfim, largo acervo de medidas bem acolhidas, porque fruto de experincias da própria escola, criaram atmosfera propícia ao fim visado, que é dar à escola mineira as caracteristicas de uma escola de educação. Escola em que — diga-se de passagem — alfabetizar e instruir são peças de um processo mais amplo e vigoroso, como o de preparar o indivíduo para a vida, para o cumprimento conciente dos deveres sociais e cívicos e para o exercício esclarecido de seus direitos.

Cumpre ainda referir: o Regulamento do Ensino Primário, sem favor obra de grande fôlego do sr. Francisco Campos, pode-se dizer que, em seus capítulos mais interessantes, os pedagógicos propriamente ditos, só foi, em grande parte, executado, depois que a Secretaria da Educação se habilitou a fazê-lo. Princípios de alta relevância educativa ali dormiam como se os emoldurasse a quietação serena dos arquivos.

Graças à reforma, a Secretaria pôde infundir-lhes movimento, ação, efetividade.

Outra consequência foi a intensificação do amparo à criança pobre, traduzido em impressionante aumento de merendas escolares, distribuição de uniformes e material escolar, pela assistência médica a elevado número de crianças e, bem assim, em várias localidades, pela alta frequência aos gabinetes dentários.

E' que, entre os itens de mais alto sentido do programa traçado ao Departamento de Educação, se assinalam os de orientação ao ensino, controle do trabalho e do rendimento escolar e assistência ao aluno pobre.

Fatos de notória significação concretizam as palavras que acabamos de alinhar. Avançamos em qualidade, sem demérito, ao contrário, com reais proveitos, sob o ponto de vista de quantidade. Os dados evidenciam como, na melhoria do ensino, no seu tratamento predominantemente intensivo, na relativa fuga à superficie para se ganhar em altura, se encontra o mais adequado e consentâneo encaminhamento do problema do ensino primário comum, para uma solução lógica, eficaz e digna do apreço que devotamos ao sêr humano.

Isto posto, vamos aos fatos: nos estabelecimentos estaduais de ensino primário comum, a matrícula geral, em 1938, foi de 258.766 alunos, sendo em número de 16.082 as conclusões do curso e de 99.576 as aprovações em geral. Em 1942, subiam a

matrícula inicial a 287.430, as conclusões do curso a 23.203 e as aprovações em geral a 133.117. Cotejados os extremos do quinquênio, nota-se que o acréscimo na matrícula inicial de 1942 beneficiou 28.664 crianças, ao mesmo passo que as conclusões do curso acusavam aumento de 7.121 e as aprovações em geral apresentavam, sôbre 1938, um saldo de 33.541. Sôbre a matrícula efetiva as percentagens das aprovações em geral, de 1938 a 1942, foram respectivamente, de 44,7% e 56,3%;

1938 — Matrícula geral —258.766 — Matricula efetiva, 222.415 — Aprovações em geral, 99.576 — 44,7% — Conclusões de curso, — 16.082;

1942 — Matrícula geral — 287.430 Matrícula efetiva 236.236 — Aprovações em geral 133.117 — 56,3% — Conclusões de curso, 23.203.

Os dados de 1942 estão sujeitos a retificação.

Antes, porém, de irmos adiante, vale informar que os processos de apuração do rendimento escolar, conforme documentação existente, conquistam, de ano para ano, novos foros de objetividade e rigor.

"Conclusões do curso" e "Aprovações em geral", à base de promoções e aprovações, encerrando exigências crescentes, indicam, mesmo estabilizados, melhoria no ensino. Traduzindo-se, entretanto, por linha ascencional, como é o nosso caso, significam plena vitalidade educativa.

As cifras, que acabamos de citar, nos dão uma curva nitidamente ascedente que bem retrata a caracteristica fundamental da politica educacional do Estado — ganhar em qualidade.

Mas, vamos adiante.

As escolas de boa têmpera pedagógica devem manter relativo equilibrio de matrícula entre os anos de que se constitue o curso.

Se o curso é de quatro anos, a matrícula de cada um deve, quanto possível, ser próxima do quociente que resulte da divisão do número total dos alunos por 4. Em outras palavras: cada ano do curso deve reter 25% da matrícula geral. Esta seria uma distribuição *ideal* e, por isso mesmo, inatingível, mas para onde devemos tender na ânsia de perfeição que anima quantos se votam às grandes causas.

Inatingível, dizíamos, porque a ela se opõem mesmo fatores naturais. A natalidade e a letalidade, por exemplo, concorrem no sentido de que a matrícula do 1.º ano seja sempre superior a do segundo, confere vantagens a esta sobre a do terceiro, bem como no que concerne a do terceiro sobre a do quarto ano. Assim, aperfeiçoando-se, as unidades escolares caminham para o equilíbrio de matrícula entre as diversas séries do curso. A' luz deste critério, vejamos como se comportam os grupos escolares e escolas reunidas de Belo Horizonte:

MATRÍCULA INICIAL

	1935	1943
1.º ano	7.186 - 50,2%	8.397 - 37,4%
2.º ano	2.998 - 21,0%	6.296 - 27,7%
3.º ano	2.450 - 17,2%	4.893 - 21,5%
4.º ano	1.594 - 11,2%	2.985 - 13,1%
Total	14.228	22.571

Em 1935, o 1.o ano retinha 50,2% da matrícula em geral, o que, vale dizer, mais da metade do total dos alunos; o 2.º ano era constituido de 21,4%; o 3.º de 17,2% e para o quarto sobrava a percentagem bem pouco expressiva de 11,2%.

No exercício letivo de 1943, a matrícula do 1.º ano caiu a 37,4%, a do segundo elevou-se a 27,7%, a do 3.º alcançou 21,5% e a do quarto, 13,1%.

Não atingimos, ainda uma ótima distribuição de alunos pelos anos do curso. Contudo, o que já se obteve é qualquer cousa de notável. E revela acentuado progresso da escola, mormente se pensarmos na gravidade da situação reinante em 1935 — e pior ainda, em anos anteriores.

Analisemos, de relance, o significado dos fatos numéricos de 1935.

Chumbados ao 1.º ano, estavam 50,2% dos alunos de todo o curso. No segundo ano, só figuravam 21,0 %. A situação precisava que cêrca

de 29%, isto é, mais da quarta parte das crianças matriculadas não galgavam siquer o 2.º ano letivo. Debandavam. Iam engrossar a falange dos egressos. Fugiam deseducados, analfabetos, não raro sucumbidos ao pêso de um complexo de inferioridade, antes criado pela escola que deles próprios, complexo cujos efeitos marcariam muitas das derrotas de tôda uma existência. E por mais: fôrça a conclusão de que o Estado atirava pelas janelas de tais escolas quantia bem superior a 25% do orçamento do ensino primário, uma vez que falhara à sua destinação de ministrar a êsse grande bando de jovens patricios as benesses, as luzes que da escola seria lícito esperarem.

Prejuízos tangíveis, assim para o aluno, o Estado e a sociedade são, pois, o apanágio de distribuições como a verificada em 1935. Por que, perguntarão, era assim a escola? — Porque, salvo exceções, carecia a escola de elementos que assegurassem o desenvolvimento dos alunos: não se organizava segundo normas aconselháveis; não atendia, no ensino, às diferenças individuais; não dispensava às crianças, particularmente à criança pobre, a assistência a que, por todos os títulos, tem direito, não se transformava em centro de interesse para o aluno.

Por essas e outras razões é que as escolas de educação se distanciam das que se estiolam no comodismo pouco recomendável de só alfabetizar ou instruir.

Os alunos, porque não lhes proporcionassem meios de se desenvolver, não lhes captassem o interêsse, não soubessem transformá-los em elementos sequiosos de compreender e de entender, depois de 2 ou 3 anos de repetência do 1.º ano, passavam a abominar a escola. Nada os obrigava a retornar às desinteressantes salas de aula, quando não eram os próprios pais que, ao cabo de tanto tempo perdido, os desviavam para outros mistéres.

Depois destas considerações, podemos avaliar o que representa a distribuição de alunos pelos 4 anos do curso, em 1943. O que representa, convém insistir, para o Estado, a sociedade e o indivíduo. Uma distribuição equitativa nos diz que a escola se tornou, largamente, mais eficiente. Que o aluno ganhou, recebendo educação melhor. Que o Estado empregou razoavelmente as suas verbas e a sociedade lucrou incorporando elementos de maior valia.

Merece lembrar, fechando esta série de notícias felizes, que, conquanto, em 1943, haja caido a percentagem da matrícula do 1.º ano se posta em cotejo com a de 1938, os números absolutos subiram, o que torna a comparação mais expressiva.

Em verdade, eram de 7.186 os matriculados no 1.º ano em 1938 e de 8.397 os de 1943. Poucos quadros poderiam ser tão auspiciosos e poucos revelariam, com tamanha evidência, não só o amplo e arejado caminho já percorrido, como a transformação em fatos das palavras que definem a política educacional de Minas.

A modo de corolário, vem a distribuição de classes pelos quatro anos do curso nos grupos escolares e escolas reunidas ainda da Capital: em 1939, 40,6% das classes eram de 1.º ano; 25,7% de 2.º 20,5 de 3.º; e 13% do 4.º Em 1943, baixava a percentagem das classes do 1.º ano a 34,8% em favor das do 2.º ano, que subia a 27,1%; do 3.º e 4.º que alcançavam, respectivamente, 23,5% e 14,4%.

Semelhante ao que ocorria com o número de alunos matriculados, às classes de 1.º ano, em 1943, embora tivessem diminuida a percentagem, foram, como as dos demais anos, superiores numéricamente às de 1939:

	1939	%	1943	%
1.º ano	208	40,6	224	34,8
2.º ano	132	25,7	174	27,1
3.º ano	105	20,5	151	23,6
4.º ano	67	13,0	93	14,4
Total	512		642	

Deixando de parte outros exemplos, e para que se tenha, igualmente, noção atualizada da marcha escolar, da invariável preocupação de obje-

tivar o plano traçado para o ensino primário, comparemos os resultados escolares da Capital, obtidos no quadriênio 1939-1943: (Grupos escolares e escolas reunidas.)

1939 — Matrícula inicial — ... 18.793 — Matrícula efetiva — ... 17.141 — Aprovações em geral — 9.756 — 60,4% — Conclusões de curso — 1.676.

1943 — Matrícula inicial — ... 22.561 — Matrícula efetiva — ... 20.756 — Aprovações em geral — 13.212 — 65,9% — Conclusões de curso — 2.222.

Em 1939, a matrícula inicial registrava 18.793 alunos; a efetiva, 17.141, as conclusões de curso ascendiam a 1.676 e as aprovações em geral 9.756.

O ciclo letivo de 1943 nos oferecia a matrícula inicial de 22.561 e efetiva de 20.756, enquanto as conclusões de curso se elevavam a 2.222 e as aprovações em geral 13.212.

"Aprovações em geral" e o segundo de manifesto dois aspectos bem animadores. O primeiro está na sensível elevação de percentagem das "Aprovações em geral" e o segundo, nos mostra que a diferença entre a "Matrícula geral" e a "Matrícula efetiva" de 1939 e 1943 corresponde a percentagens decrescentes, sendo de 9,6% em 1939 e baixando para 8,1%, em 1943. Fato sobremodo auspicioso, porque indica que a escola conseguiu aliviar a taxa dos egressos. Conseguiu reter maior número de alunos. Tornou-se mais querida de seus frequentadores, satisfazendo os interêsses das crianças, as suas necessidades e desejos. Como prova de elevação do nível de ensino, poucas terão maior significação do que esta.

Possuimos, entretanto, uma outra, a que emprestamos real significado, fugindo embora ao estilo das, até agora, enumeradas. Distancia-se das demais, porque tem carater exclusivamente experimental e foi prova realizada apenas com o fito de documentar a melhoria do ensino. Constou do seguinte: em 1942 aplicamos nas mesmas unidades escolares o teste de instrução que havia sido aplicado em 1934, no 1.º ano. Colocando-se os resultados um em frente ao outro, verificamos que foram sensiveis as modificações para melhor:

	1934	1942
Matriculados	5.281	5.393
Numero de classes	171	159
Média de alunos por classe	31	34
Examinados pelos testes:		
Novatos	2.021—46,0%	2.793—55,9%
Repetentes	2.371—53,9%	2.153—44,0%
Promovidos pelos testes:	1.810—41,2%	2.936—59,4%
Novatos	536—26,5%	1.395—50,9%
Repetentes	1.274—53,7%	1.541—71,5%
Medianos:		
Conjunto	39	55
Novatos	22	49
Repetentes	46	60

A elevação da percentagem de novatos e repetentes que obtiveram 50 pontos ou mais no teste; a subida do mediano; a queda da percentagem de repetentes em favor de maior percentagem de novatos: a diminuição do número de classes e o aumento da média de alunos por classes são índices de tamanha evidência que neles podemos crucificar os mais impenitentes incréus.

Em campo mais intimamente pedagógico, sentimos de maneira bem clara como foi grande o zelo pela escola e pelo ensino. Não se desmentiu, antes se confirmou o propósito de se fazer da escola eficiente, da elevação e do apuro do ensino o mais valoroso elemento na solução do problema de educação elementar que o ensino pimário comum encerra.

O apreço que se dispensou às instituições e atividades escolares, cuja influência sôbre o desenvolvimento, compreensão e entendimento dos educandos ninguem ignora ,indica, na ligeira apreciação de alguns dados estatísticos, como dominou a preocupação qualitativa do ensino.

De 233, em 1941, elevaram-se em 1942 a 261 as bibliotécas pedagógicas. As bibliotécas infantis em número de 327 — em 1941, subiram a 341 — em 1942. Contaram-se, neste ultimo ano, 61.499 volumes que foram consultados 354.938 vezes. Os clubes de leitura de 745, em 1941, passaram a 1.203, em 42 e realizaram 18.263 sessões. Os clubes rurais de 93 foram a 103 e os Pelotões de Saúde de 85 foram a 120, sendo certo, pelos dados já apurados a meio, que estas cifras no ano findo se elevaram a números bem mais expressivos. As excursões, os auditórios cívicos, pedagógicos ou festivos; as horas de história, os clubes de ciência são atividades que, de ano para ano, tomam maior incremento em todas as escolas do Estado.

E, para que os índices de melhoria da escola se acentuassem a cada hora, procurou-se intensificar a assistência prestada à criança pobre.

A par d eobra eminentemente humana, a assistência aos menos afortunados, que frequentam as nossas escolas, constitue fator indispensável ao acréscimo do rendimento escolar.

Não podem, no mesmo gráu, as crianças sub-nutridas ,doentes ou desequipadas de material didático, apresentar índices de aproveitamento igual às que na fartura de casas bem providas encontram facilidades e recursos jamais sonhados pelas gentes do morro e das favelas. Fazer da escola o "carrefour" dos que largam em sua procura os palácios e dos que deixam os casebres, promovendo no âmbito das salas de aula, tanto quanto possível, uma atmosfera de equilíbrio, cooperação, entendimento, amizade, o que aprimora o sentimento de solidariedade humana que uns devem aos outros, é, sem dúvida, dar à escola a prática de um dos seus mais destacados fundamentos — o democrático — e ao mesmo tempo oferecer, pelo provimento das deficiências do lar, oportunidades de vitória, na jornada escolar, ao filho da lavadeira e à morgadinha, que ambos receberam o mesmo sopro divino.

O aparelhamento da escola mineira para preencher tão elevada missão vai sendo, aos poucos, realizado.

As caixas escolares, instituições de alto sentido social e humano, de 115 em 1935, passavam a 371, em 1942. Com alimentação, uniformes, material didático e medicamentos despenderam em 1939, Cr$225.700,00 e, em 1942, Cr$735.200,00.

As cantinas escolares ,encarregadas particularmente da distribuição de merenda e que eram em numero de 149, em 1939, e 228, em 1942, forneceram 500.000 merendas, em 1930 e 4.480.000, em 1942. Cremos não ser preciso mais comentários, tão sugestivos são os números. Eles falam por si.

A síntese que aí está de alguns poucos panoramas pedagógicos do Estado, sôbre definir a política educacional de Minas, deve acender em todos nós, os mineiros, entusiasmo, fé e orgulho em nossa escola.

Dela, da escola mineira, desejaríamos dizer o que o general Gamelin, de volta à chefia da missão militar, no Brasil, agradecendo a homenagem que lhe prestavam, em Paris, disse do ex-ministro da Guerra Pandiá Calogeras: — "seria um grande ministro de qualquer grande nação". "Seria uma grande escola de qualquer grande país".

Esta obra do Governador Valadares, que é de elevação da escola primária, não está entre as suas maiores realizações, porque é a maior de todas.

Mas, o que lhe dá, por vezes, o cheiro e o sabor de milagre é a circunstância de ter sido realizada num período de regime financeiro rigido e de quadros orçamentários apertados.

Sem embargo, ouvímios, aquí e alí, naturalmente de espíritos mal infor-

mados, preferimos supôr, críticas, restrições, referências com eivas de amargura à escola.

Não há mal nisso. Porque nos proporcionam ocasião de esclarecer pontos que devem ser do conhecimento de todos. Há evidente mal entendido em se julgar que a solução do problema educativo seja obra exclusiva do Governo. Não. A mentalidade deve ser outra. O trabalho educativo só entrará em sua fase de plena realização quando resultar da cooperação integral do governo, dos mestres, do aluno, da família e da sociedade.

Fóra disso, as dificuldades se multiplicarão e o rendimento será mínimo. Educação é fenômeno dos mais complexos de sociologia. Transborda, em grande parte, da ação governamental.

Não nos parece, contudo, que nós, os mineiros, estejamos muito habilitados a fazer de nosso aparelho educativo críticas muito severas.

Em trabalho realizado pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, sob a chefia do sr. Lourenço Filho, um nome nos meios educacionais do Brasil, trabalho baseado nos orçamento de 1942 de tôdos os Estados, assinalou-se que, para os serviços de educação, o carioca concorre com Cr$50,60, o paulista com Cr$ 22,10, o paranaense com Cr$12,80, o fluminense com Cr$12,70 e o mineiro com Cr$9,60. Isto para não citar a contribuição de todos. Mas pelo exemplo, verificamos que, "per-capita", o mineiro possibilita ao Govêrno para a solução de tão alto problema meios escassos e muito aquem dos que em outros Estados de extensão menor e maior densidade de população são oferecidos aos respectivos dirigentes. Quisemos estabelecer este paralelo, que não é lisonjeiro para nós, com o intuito de mostrar que criticas e restrições, sem conhecimento de causa, são, via de regra, injustas e chegam até a transferir a terceiro culpa nossa, o, no caso concreto, culpa que não é do governo senão de todos, de Minas, de sua extensão geográfica, de sua topografia, de suas condições demográficas, e econômico-financeiras, enfim, culpa da terra e do homem que nela habita, seja este governo ou despreocupado cidadão de logarejo mais ou menos desconhecido.

Este pequeno parêntese não desmerece, ao contrário, realça e dilata a grandeza de um trabalho que, por modesto e silencioso, como convém à indole do mineiro e a todo trabalho educativo, escapa à glória efêmera que a publicidade, à base de interêsses pessoais, por vezes cria. E' antes obra que ficará mais bem conhecida das gerações vindouras.

No entanto, na realização desta obra imensa e de efeitos incalculaveis, obra que irá confirmar a destinação histórica de Minas, o Governador Valadares teve grandes aliados.

Gente que fez da fé e do dever legenda da vida; gente dedicada, a bem dizer, anônima, pertinaz, eficiente e heróica; gente que desconhece o limite no sacrifício e a glória na vitória; gente que enche os dias na ratificação de um apostolado.

E' a gente das bandeiras educativas de Minas. São os mestres mineiros e, nominadamente, as nossas mestras. São elas que fazem a escola. São delas que as escolas vivem. Porque elas vivem a vida de suas classes, amando, na vida, a vida de seus alunos.

Levam para a luta árdua e silenciosa de cada dia a certeza de que passaram pela soleira de sua casa de ensino os que trouxeram o Brasil até nós e por lá continuam a transitar os que vão alargar os horizontes da Pátria. Fortifica-lhes o animo, a convicção de que estão estruturando a própria humanidade, ao plantar sentimentos, ao conformar e reformar caracteres, ao incutir em seus alunos os propósitos de firmeza, obstinação no bem e coragem, na desgraça.

Quando se abrem para novo ciclo letivo as escolas de Minas, sentem o Governador Benedito Valadares e o seu secretário da Educação, dr. Cristiano Machado, como nós próprios

sa servir de padrão à formação do homem, que mantenha deante de seus olhos de maneira concreta, vívida, a unidade e harmonia da pessoa humana na sua máxima perfeição. A educação é um processo dependente da motivação, o que implica para o seu desenvolvimento além de um ato perceptivo uma coloração emocional que o faça procurado e amado; portanto a contemplação de um ideal concreto dinamizará e intensificará o processo global, pela beleza e pelo amor.

Onde encontrar esse ideal humano universal de uma maneira concreta? Em Jesus Cristo".

E' claro que a afirmativa de Castiello é determinada, em primeiro logar, pela fé. Mas a fé em nada contraria a razão; ao contrário, a eleva e ilumina. A fé possue um conteúdo racional que pode valer objetivamente mesmo para os que não têm a graça de experimentá-la.

Castiello prossegue na análise da personalidade de Cristo, Deus e Homem verdadeiro, salientando que deve ser ela, o grande motor da educação na cristandade.

A experiência dolorosa de nossos dias documenta abundantemente os resultados práticos da educação néo-pagã.

— Tú, educadora, já te penetraste da convicção que só a volta a Cristo, identificando a Ele alma por alma, pode dar tranquilidade, elevação, beleza, harmonia?

Pensa...

E que teu coração se aqueça no desejo de trabalhar este ano, com zelo singular, por amor ao Modelo Divino, síntese e esplendor de toda perfeição.

Que as crianças não oiçam nem vejam, em volta delas, nada que não seja verdadeiro, nada que não seja pudico, nada que não seja justo, nada que não seja santo, nada que não seja amavel, nada que não seja honroso, nada que não seja virtuoso, nada que não seja louvavel. (São Paulo).

INSTITUTO DE OLHOS, OUVIDOS, NARIZ E GARGANTA

Prof. Hilton Rocha

Livre docente de Clínica Oftalmológica das Faculdades de Medicina das Universidades do Brasil e de Minas Gerais

Dr. Pinheiro Chagas

Oto-rino-laringologista do Instituto Raul Soares e do Hospital São Francisco de Assis

CONSULTAS DIÁRIAS DAS 3 ás 6 - EDIFÍCIO CINE BRASIL

SALAS 608 A 614 - TELEFONE, 2-3171

A CRUZ NA CLAREIRA

VINICIUS MEYER

Depois da partida dos bandeirantes
os primeiros pássaros que do mato sairam na clareira
pararam espantados e hesitantes,
e perguntaram
que árvore estranha seria aquela
que de repente nascera na clareira,

onde havia uns sinais de fogueira noturna.
Perguntaram ,também, porque,
sendo tão alta e tão bonita,
não tinha folhas de prata como a imbaúva,
nem tinha flores de ouro como o ipê!

Que árvore estranha seria aquela
que, no seu tronco vertical,
talhado a machado,
com seiva vermelha ainda porejando ao sol,
tinha somente dois galhos horizontais,
sem folhas nem flores?

Por que seria que, á tarde, sua sombra no chão,
imitava, com a sombra dos braços iguais,
a forma de cinco estrêlas distantes,
deitadas de bruços na amplidão?

Por que seria que os bandeirantes
que haviam estrondado no mato
os arcabuzes traiçoeiros e maus,
ao deixarem a clareira na caça do ouro e da prata
beijaram o seu tronco, de joelhos no chão?

E como ninguem dissesse que árvore era aquela,
um joão-de-barro brasileiro
fez a sua casa de barro amarelo
num dos braços abertos da cruz.

CONVERSAS DE LABORATORIO

(Continuação de ROMANCE SOBRE O AÇUCAR DE UVA)

Á PROF. AMELIA MONTEIRO DE CASTRO

H. Marques LISBÔA

Há quem queira confinar a Ciência ao círculo dos sábios. E desse sentido a pergunta sôbre a arte de escrever, encontrada em Albalat: "Não será rebaixar a arte e pô-la ao alcance de todos, e não a amesquinharemos tornando-a mais accessível ?

As professoras patrícias e, principalmente a diretoria da Escola de Aperfeiçoamento, não têm tal receio e, por isso, atreví-me à redação da presente serie de "Conversas" para crianças.

CAPITULO II

Como, nascendo AÇÚCAR DE UVA, consegui chegar a ser FARINHA.

Acabára de chover, quando eu nascí. A terra estava ainda tôda enxarcada, as raizes do milharal embebiam-se e a água, tomando o nome de SEIVA BRUTA, subia por dentro das plantas, atingindo as extremidades das fôlhas.

O gás carbônico do ar (CO_2) penetrava por pequenas aberturas — os estômatos — e dissolvia-se na água que subira para as fôlhas.

O sol pálido, esgueirava-se por entre nuvens; era ele entretanto, bastante forte para permitir à clorófila o arrancamento do *carbono* (C) do gás, libertando *oxigênio* (O_2).

O *carbono* (C) prêso à *água* (H_2O formava uma *união primitiva* (o *FORMOL* que bem poderia ser representada assim:

$$-(C) - (H^2O)-$$

Esse embrião dos açúcares, início de tudo quanto é vivo, tem de crescer logo depois de criado, *tem de se sextuplicar*, formando o açúcarzinho que sou eu:

$$-6(C) - H^2O)6-$$

Grãozinho mínimo de açúcar de uva, irmão dos grãos amarelados, que você costuma lambicar, por entre as passas do Natal, *sou o alicerce de qualquer vida sôbre a terra.*

Isso que eu digo não é prosa... E' uma verdade, que você verá dentro em pouco.

Para início da explicação faço uma pergunta:

Não é uma questão curiosa o fato de um açúcar de PASSAS ter nascido em um pé de MILHO?

Não, amiguinho meu, pois que tôdas as plantas verdes iniciam seus trabalhos fabricando *açúcar de uva.* A diferença principal, entre o meu nascimento e os que se realizam em uma parreira, é que nesta planta os grãozinhos, penetrando nos cachos de uvas e adocicando-os levemente, podem permanecer como açúcar de uva; mas, já na cana de açúcar, na beterraba e em alguns outros vegetais, não é mais assim: o açúcar tem de se tornar mais doce, tem de ser empilhado em *açúcar duplo*, como em um prédio de dois andares — o AÇÚCAR DE MESA.

$$\text{SACAROSE}\left\{\begin{matrix}6\ (C)-(H^2O)\ 6\\ 6\ (C)-(H^2O)\ 6\end{matrix}\right\}\text{ou açucar de mesa}$$

Como, porém, não estava eu em nenhuma dessas duas plantas e sim em uma fôlha de milho, muito comprida, tôda riscada por estrias muito finas, longas e paralelas, dois eram os destinos que me estavam esperando: ou desceria eu para longe, por essas linhas finas e paralelas. ou ficaria na própria fôlha, mas, em qualquer dêsses dois casos, seria eu empilhado, com outros, em construções de mais de dois andares, teria de ir além do *duplo-açúcar*.

Meu destino levou-me para o interior das finas nervuras, longas e paralelas, por êsses canais portadores

da água em retôrno, a SEIVA, já então enriquecida de açúcares e outros corpos.

A seiva, escoando em marcha lenta, infiltrando-se pelos tecidos, levou-me, de mistura com vários companheiros, para o interior de uma bela espiga em formação, onde fomos prontamente empilhados em prédios de mais de três andares e, perdendo um pouco de água, subimos à categoria de FARINHA.

Fig. 1

Fig. 2

Fig. 3

FARINHA { 6(CARBONO)—(AGUA)5 / 6(CARBONO)—(AGUA)5 / 6(CARBONO)—(AGUA)5 / .....—..... } ou amido

Foi assim que rematei minha evolução, que atingí a *maturidade.*

De entre os companheiros nascidos na fôlha, alguns serviram para farinha, na própria fôlha ou em vários trechos do vegetal,, outros sofreram empilhamentos ainda maiores, formaram verdadeiros *arranha-céus* como são as fibras lenhosas, que constituem o bagaço, ou o esqueleto do pé de milho. E' da mesma natureza a película fina e indigesta, que envolve os grãos de milho — (CELULOSE.

Passaram-se os dias... Um sol mais enérgico permitiu mais atividade na planta. As espigas amadureceram prontamente e o milho foi quebrado. Um gorgulho minúsculo penetrou na minha espiga. Sua tromba perfurou o grão em que eu me achava e as pequenas mandíbulas já ameaçavam triturar-me, quando o inseto mudou de intuito e resolveu fazer a postura de um ovo no fundo da perfuração:

Triste sorte poderia ser a minha se, escapando do *gorgulho adulto,* viesse a ser devorado por sua larva. Mas não aconteceu isso felizmente, pois a espiga colhida e debulhada me permitiu ser levado para o moinho.

Se uma galinha me apanhasse de geito, nesse *interim,* lá iria eu ser carne de galinha. O meu destino era porém, mais nobre e, para aguardá-lo, transformaram o milho em farinha de maisena.

Empacotada, transportada e arrumada em prateleira de armazém, estou agora à espera dos acontecimentos.

Leitorzinho ,meu amigo, enquanto nosso romântico açúcarzinho de uva, transformado em farinha de milho, espera resignado o momento de ser comido por uma criancinha ou por um marmanjo, demos uma folga no romance e realizemos algumas experiências curiosas.

Primeiramente uma pergunta: As folhas também fabricam farinha?

Sim, e para o verificar terá você de fazer três trabalhos práticos. Como já foram feitos seis, será agora a vez do:

7.º *Trabalho prático — Farinha de chuchú*

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

Um chuchú bem maduro é uma hortaliça fácil de se conseguir e fornece uma farinha muito fina.

I — Ralar dentro dágua um chuchú bem maduro.

II — Passar tôda a agua em pano fino, para retirar e deitar fóra o bagaço.

III — Deixar repousar algumas horas o líquido turvo e depois decantá-lo.

IV — A farinha depositada, depois de seca, deverá ser guardada.

Um pouco dêsse amido de chuchú com água e tintura de iodo, tomará côr escura *característica da ligação de iodo com farinha.*

Bem, podemos agora passar adiante e se você é paciente e geitoso poderá obrigar a clorófila a fazer para você, com farinha, um desenho no gênero(do que está encabeçando êste capítudo).

R.° *Trabalho prático — A farinha na fôlha.*

I — Recortar em papel preto ou em papel de embrulho bem encorpado uma figura dupla. (Pode servir uma figura bem negra desenhada em papel forte e transparente).

II — Pregá-lo com alfinetes na face dorsal de uma fôlha, em chuchuzeiro bem exposto ao sol (ou dobrála no borda da fôlho).

III — Arrancar a fôlha à tarde, no dia imediato, e trazê-la para o laboratório, cortando-a de modo a dividir a figura ao meio.

IV — Retirar a figura e dar às duas metades destinos diferentes:

a) a 1.ª metade ficará em um pequeno vidro de boca larga com bastante alcool e um pouquinho de azeite, por mais de 12 horas.

b) a 2.ª metade será colocada em outro vidro, semelhante ao primeiro, mas com um pouco de água e açúcar. Este vidro será guardado , durante dois dias, em um recanto escuro, destinando-se para o *nono trabalho prático.*

Despejando no dia seguinte o alcool e azeite e substituindo-os por água com 20 a 30 gôtas de tintura de iodo, você verá aparecer, no fim de algumas horas, as bordas escuras da fôlha (côr de farinha com iodo), delimitando uma figura esbranquiçada.

Não tendo penetrado em certos pontos, o sol não poude permitir a fabricação da substância básica para formação das farinhas e o iodo não poude, portanto, dar a esses pentos a cor *característica*. Passemos a completar a 2.ª parte da experiência para verificar se é realmente o açúcar *a substância básica,* com que a folha poderá fabricar farinha.

A experiência não é bonita, pois é simplesmente um trabalho negativo: o de desmanchar um desenho.

9.° *Trabalho prático — As farinhas nascem de açúcares.*

I — Tomar a metade da fôlha, a que ficou boiando durante dois dias na água com açúcar (de mesa ou de uva).

II — —Deitar fora a água açucarada, substituindo-a por bastante alcool com um pouquinho de azeite.

III — Despejar, no fim de 12 horas, o alcool com azeite e encher o vidro com água, adicionada de 20 a 30 gôtas de tintura de IODO.

IV — No fim de algumas horas estarão escuras não só as bordas da fôlha, como tambem o lugar em que deveria haver o desenho: a figura se apagou porque a planta, tendo conseguido açúcar, estava em condições de fabricar sua farinha, mesmo no escuro.

O açúcar, que é o alicerce sôbre o qual a planta vai edificando seus andares, é também indispensável aos animais. Eles precisam de absorvê-lo para trabalhar e construir. Para o conseguirem, desmoronam as farinhas vegetais, tomadas como alimentos; digerem as farinhas: *desmancham* os andares que a planta construiu.

Se um doente desnutrido, incapaz de se alimentar, sofrer uma injeção, em suas veias, de boa dose de água com açúcar (*soro glicosado*) sentir-se-á imediatamente revigorado. E' como se tivesse almoçado bem.

Conhecí um oficial do exército,

que na grande guerra passada, se encontrou certa vez, inteiramente isolado com os seus soldados, em local sem o mínimo recurso, e isso durante alguns dias. Viu-se então o oficial na obrigação de calcular, somente em açúcar (do qual havia "stock") a quota necessária para ração alimentar suficiente de cada homem: Com água e açúcar, puderam eles passar razoavelmente bem esses poucos dias.

Voltemos agora à questão das *seivas*

A água que bebemos não é pura, contém vários sais, em diminuta quantidade. A que "sobe" pelos vegetais é, às vezes, igual à que bebemos, é a água das nascentes nas florestas, possivelmente com um pouquinho mais de sais dissolvidos ao nivel das raizes (*seiva bruta*); mas nas hortas, a adubação intensiva torna a *seiva ascendente* bem mais rica em sais.

Quando a água chega às fôlhas, parte combina-se com o *carbono* do *gás carbônico* e parte dissolve o açúcar e outras combinações, voltando em sentido contrário (*seiva elaborada*). Dirige-se então, aos frutos (como o chuchú) às raizes (como a mandioca) ou a outras regiões que, mesmo no escuro,, fabricarão farinhas, bagaços, etc.

Amiguinho leitor, (ou amiguinha leitora), se você tiver curiosidade de saber se um dado alimento levou um pouco de farinha em sua confecção, tome um pedacinho desse material e pingue nele uma gota de tintura de IODO. Será porem, melhor fazer do modo seguinte:

10.º *Trabalho prático — Alimento farinhoso.*

I — Desmanchar bem um grão de arroz muito cozido (ou um grão de feijão, ou um pouquinho de miolo de pão, de pirão de batata, de mingáu, de bolo, de massa de empata, de macarrão, de biscoito, etc.) em um cálice com um pouquinho de água.

II — Colocar o líquido turvo em um vidrinho, juntando-lhe em seguida uma gôta de tintura de IODO.

III — Observar que o pó, ou o líquido, tomaram côr escura com matizes azulados.

Todos esses alimentos constituem uma 1.ª categoria. *Somente os vegetais os sabem produzir* e por isso, sem a *clorofila*, que arranca o carbono, do benéfico gás carbônico, não haveria nenhum dos inúmeros corpos vivos habitantes das águas, da terra e do ar.

Em resumo: para a vida sôbre a terra, é preciso uma cozinheira VERDE reunindo AGUA e CARBONO, ao calor dos raios do SOL.

Para mostrar como é verdadeira essa afirmação, vou rematar o II capítulo do *romance* biológico, com uma história.

Há uma pequena ilha do oceano Pacífico, que em dado momento foi lavadas, em vagas sucessivas pelas lavas incandescentes de um vulcão; não ficou cousa viva sôbre o território dessa ilha; nem um animalzinho, nem uma mísera plantinha. A vida desapareceu por completo.

Tempos depois os navegantes que por alí passavam, foram notando, não só que a vegetação ia aparecendo a pouco e pouco, mas também que os animais iam surgindo nessa ilha que fôra deserta.

Como teria sido isso possível?

De um modo bastante simples, como vai ser descrito:

A superfície da ilha, cheia de irregularidades, de altos e baixos, de relevos e depressões, permtia acúmulo de água das chuvas. Juntos apareciam, portanto, os três elementos necessários ao início da vida: o SOL tropical, o gás CARBONICO do ar e a AGUA das poças.

Faltava somente a varinha mágica, — promotora da ligação: *carbono, água e fôrça solar*.

Você bem sabe, amiguinho meu, que as fadas são vaporosas, invisíveis e certamente de pura invenção mas no caso atual não é bem assim:

A nossa, com um vestuário verde, meio azulado, é realmente invisivel para a maioria dos mortais, mas não para os velhos sábios, mais ve-

lhos do que sábios, agarrados aos seus possantes microscópicos.

Vaporosa, leve, levíssima carregada por qualquer vento, ainda que a mas tênue brisa, é ela transportada por tôda a parte por montes e vales, —— atravessando oceanos e invadindo ilhas, mesmo as mais longinquas.

A's vezes toma a forma de fragmentos de rosários, com seus Padre-nossos e Ave-marias, que, nesses casos ,os tais sábios, de vista curta, dão a êsses rosários o nome de: NOSTOCÁceas.

Há muitas espécies dessas minúsculas fadas criadoras de vida, e se você conseguir um bom microscópio poderá procurar vê-las.

Raspe a casca úmida das árvores, ou o lôdo dos muros enxarcados; será porém mais cômodo procurar nas poças e pequenos regos de água uns *fios gosmentos* de côr esverdeada, que se desfazem entre os dedos.

Podem ser procurados, ainda nas manchas dos barrancos e das pedras, mesmo nas mais altas de nossas montanhas, onde são facilmente aprisionadas por filamentos de certos cogumelos formadores de *liquens* (*Helotismo*, falsamente chamado *simbiose*.)

Quer sob a forma de rosário das Nostocáceas, quer sob a forma de filamentos oscilantes das *Oscilárias*, quer sob outros dos aspectos que apresentam as suas múltiplas espécies, são os esporos dessa minúscula planta primitiva, os formadores de um início de vida em qualquer lugar em que haja, *ar*, *calor* e um pouco de *água*. Caídos como paraquedistas, aí vivem e proliferam.

Você poderá dizer agora que assim não será difícil de se admitir, na ilha vulcânica do Pacifico, o aparecimento de um pouco de *lôdo azulado* e, também, dos fios verdes gosmentos; mas daí, até os grandes vegetais e principalmente os animais ,a compreensão é mais difícil.

De acôrdo, mas já é tempo de descançar e por isso deixarei para o próximo capítulo do romance a continuação da: — *História da ilha devastada*.

ESCOLARES!

FAÇAM SUAS COMPRAS NA CASA QUE, ALÉM DE OFERECER OS MELHORES PREÇOS DA PRAÇA, POSSUE O MAIOR STOCK DE ARTIGOS DE PAPELARIA DO ESTADO DE MINAS.

OLIVEIRA COSTA & CIA.

FUNDADA EM 1886

AV. AFONSO PENA, 1050 — FONES 2-1607 e 2-3016

CAIXA POSTAL, 14 — BELO HORIZONTE

GEOGRAFIA LOCAL

Aramita Alves dos SANTOS
(Ass. do Laboratório da Escola de Aperfeiçoamento)

O nosso "Programa em Experiência", orientando o ensino da Geografia no curso primário, traçou para o 2.º ano, um esquema da matéria pela qual os alunos possam apreender os fatores geográficos locais e tirar deste estudo, que se nos afigura tão elementar, o máximo proveito para o enriquecimento de suas experiências.

Baseada no princípio de que as mais simples relações geográficas, ensinadas concretamente, são indispensáveis às futuras generalizações da criança, procurei motivar em uma classe de 2. ano, composta de alunos com a idade máxima de 8 anos e meio, o estudo de Belo Horizonte.

Depois de levar as crianças através da conversa, a sentirem a necessidade de conhecer melhor Belo Horizonte, organizei um plano que partiu do estudo do prédio escolar.

Este estudo, foi desenvolvido obedecendo a ordem lógica que poderá ser observada na exposição deste trabalho e passou por diversas etapas indispensáveis, pelas quais pude melhor orientar o pensamento infantil, levando as crianças pela observação dos fatos concretos, às possíveis abstrações.

A iniciação à interpretação de plantas, mapas e legendas, constituiu para mim ponto de relevante valor no trabalho realizado.

Nunca me esquecí de que saber utilizar os instrumentos para o estudo da Geografia, como sejam mapas, textos, gráficos, fotografias, gravuras, etc., é de suma importância no ensino desta matéria.

Ao terminar o projeto que aqui exponho em suas etapas principais, estava a classe em condições de interpretar qualquer mapa do Estado de Minas Gerais.

O estudo obedeceu, pois, a esta ordem:

1) Visita ao prédio escolar com as crianças. Planta baixa do mesmo, com a localização da sala de aula. Localização do galpão e pátio com a praça de brinquedos.

2) Excursão em volta do prédio e, depois, localização na planta já feita, das quatro ruas que rodeiam o prédio escolar. Em aulas de desenho, croquis da fachada do mesmo, com a observação bem dirigida pela professora. Depois de bem observado o prédio no interior e no exterior, foi feita, em papelão, uma maquete do mesmo em ponto pequeno.

3) Excursão ao mercado (fica em frente ao Grupo Escolar))com o fim de adquirir frutas para um lanche de aniversário de uma aluna e para observar o movimento daquele centro comercial. Croquis de vários aspectos observados na excursão. Ao lado da planta baixa do prédio foi colocada a do mercado, feita no mesmo gênero.

4) Despertando a atenção das crianças para as ruas e prédios que ficam atrás, em frente, de um lado e do outro do grupo, pude valer-me das experiências delas para ampliar a planta já feita. Foram então localizadas pelos próprios alunos que moravam mais perto da Escola, as suas casas, com a denominação de várias ruas, bem como a Praça Raul Soares.

Esta Praça, sempre servindo de guia no estudo que se realizou de toda a cidade.

5) Excursão à Praça Raul Soares para melhor observação do cru-

zamento de ruas e avenidas que aí vêm ter e do formato dos quarteirões onde as avenidas e ruas se cruzam. Observação de seu jardim e arborização das ruas, o que concorre para o embelezamento e bom clima da cidade. Croquis, feitos pelas crianças, da Praça Raul Soares e dos canteiros do seu jardim. Idem, da fonte luminosa. Só depois dessa excursão, comecei a introduzir a planta da cidade. Para isto, tracei em escala, a parte da planta que compreende o estabelecimento em questão, o mercado, a Praça Raul Soares e ainda um bom trecho à direita e à esquerda, à frente e atrás do prédio.

6) Nesta planta assinalei apenas com um quadrinho o edifício escolar e o mercado e apresentei-a à classe. Houve o reconhecimento da Praça e localização dos edifícios assinalados (escola e mercado). Procedeu-se então a uma melhor localização das casas de todos os alunos que estavam compreendidas naquele trecho. Alguns procuravam guiar-se pela linha do bonde de Lourdes ou pelo canal da rua São Paulo. Então, na sala de aula, com a colaboração das crianças, foram assinalados com um risco o córrego e linha de bonde compreendidos na parte da planta já feita. E assim ficaram marcados: Escola, mercado, casas de alguns alunos, linha de bonde e córrego. Mas como houvesse alguma confusão entre os lugares já marcados, surgiu a necessidade de um sinal convencional para cada cousa assinalada. Adotado o sinal, fez-se indispensável a legenda e agora vi então bem iniciada a realização de um dos meus objetivos que era ensinar às crianças a interpretar os mapas por meio de legendas.

7) Nem todos os alunos puderam localizar sua casa porque no trecho da planta já feito, ela não estava compreendida. Tive então de acrescentar mais uma parte da cidade e finalmente acrescentei toda a zona compreendida dentro da avenida Contorno, para vários outros estudos.

8) Na zona urbana limitada pela avenida Contorno, à medida que iam estudando a cidade, as crianças localizavam, com o meu auxílio, tudo que de mais importante ha em Belo Horizonte: outras escolas e edifício publicos, igrejas que as crianças frequentavam, praças mais importantes por onde passavam, casas ou parques de diversão que frequentavam, meios de transporte que as levavam a diversos pontos da cidade, etc..

9) Bem conhecida e comentada a vida das crianças, despertei a atenção delas para a vida de outras pessoas visinhas da Escola, ou não.

Tive então oportunidade de falar sobre vários ofícios a que se entrega a população de Belo Horizonte, tais os de pedreiro, sapateiro, alfaiate, padeiro, etc., bem como de todos os ramos de negócio: casas de fazendas, armarinhos, farmácias, hoteis, livrarias, fábricas, etc..

Foram feitas excursões a uma padaria e a uma fábrica de balas, e, ainda, a uma fábrica de calçados.

O Palácio da Liberdade, a Prefeitura, as Secretarias de Estado, a Imprensa Oficial, a Feira de Amostras, o Correio e os Quarteis, foram especialmente mencionados e ao mesmo tempo, de maneira simples, as atividades que nesse edifícios, se realizam. Foi salientada a ação da Prefeitura que muito tem contribuido para o progresso da cidade. A legenda da planta veiu crescendo gradualmente e fazia gôsto ver o interesse que as crianças tomavam pela vida da cidade e o prazer que cada uma sentia quando conseguia, por seu próprio esforço e iniciativa, acrescentar alguma cousa nova à planta.

11) Estudando os meios de transporte, tiveram na planta, de ir além da avenida Contorno e veiu então a localização dos bairros. Aí, dirigi a observação das crianças para onde o sol nasce e se esconde. Foram lembrados os bairros que ficam situados nestes lados e colocados seus nomes na planta, servindo de guia a Praça Raul Soares, ao lado esquerdo do prédio escolar. Localizaram na plan-

ta os bairros do Calafate e Carlos Prates, do lado em que o sol se esconde; Serra e Cruzeiro do lado em que o sol nasce e conversamos um pouco sôbre esses bairros.

12) Na aula seguinte, não foi difícil colocar entre os bairros referidos, ainda: Lagoinha, Floresta, S. Tereza e S. Efigênia de um lado, Santo Antônio do outro. Só aí pude levar a classe a compreender, em parte, os pontos cardiais, partindo do nascente e do poente.

13) Já tendo os alunos estudado a Praça Raul Soares, aí observado a Fonte Luminosa e os diversos meios de transporte que ligam esta Praça com outros pontos da cidade, puderam encontrar na Fonte Luminosa e no Monumento à Terra Mineira, situados na Praça da Estação, elementos que facilitaram a associação de idéias no estudo dos meios de transporte, que ligam Belo Horizonte a outras cidades, ali representados pelas duas vias férreas da Capital. Algumas crianças já conheciam bem a Estação da E. F. C. B. e a da R. M. V..

Assim, elas puderam mostrar a direção dos trens em viagens que haviam feito: algumas ao Rio, pela bitola larga, outras pela R. M. V., a cidades do Triângulo e uma a Curvelo pela Central. Traçadas essas linhas de ferro na planta, a sua interpretação foi facilitada pelo concurso das crianças ja referidas.

14) Foi lembrado, por uma criança que morava no Barro Preto, o ribeirão Arrudas margeado em parte pela estrada de ferro. Esse ribeirão foi desenhado na planta, bem como a desembocadura nele do córrego canalizado que passa perto da Escola. Uma excursão a este local foi que facilitou mais tarde a compreensão de afluentes de rios.

15) No estudo dos bairros, um aluno se lembrou que vira em Carlos Prates, pequena estação, grande movimento de latas de leite e outras mercadorias. Ampliando essa conversa não me foi difícil levar as crianças a compreenderem que outras pequenas estações situadas ao lado do oeste, à margem da linha, ainda pertencem a Belo Horizonte.

16) No ramal da bitola estreita, falamos sobre as estações de Freitas, Marzagão e General Carneiro. Para isto, aproveitei-me de um piquenique que um aluno fizera em General Carneiro. Esta aluno vira o Arrudas desembocando no Rio das Velhas e almoçara perto de uma fazenda à margem do rio.

17) Até aí parece que já estava bastante conhecida a cidade e que o próprio interesse das crianças, bem dirigido, já as levava além da cidade e dos bairros. E isto foi devido, em parte, ao conhecimento dos diversos meios de comunicação: estradas de rodagem, de ferro, linhas telefônicas ,correio, aviação, etc., que põem a Capital em contacto com outras cidades. Os diversos mananciais que abastecem a cidade de água potável, bem como o fornecimento de energia elétrica, não foram esquecidos. A força auxiliando a indústria, fornecendo trabalhos aos operários e a luz servindo a todos e concorrendo para o embelezamento da nossa "Cidade Jardim".

Dando às crianças uma idéia da origem do nome da cidade, levei-os a observar os encantadores panoramas da Serra do Curral. Falei-lhes então que, além da serra, ainda há terrenos pertencentes a Belo Horizonte e que as terras da Capital ficam ao norte, sul, leste e oeste da cidade.

18) Eram aproveitados como tema de conversa, nas horas de linguagem, os passeios feitos pelos alunos, e assim, sempre que viam alguma cousa nova perto de Belo Horizonte, o assunto era logo ventilado na classe, na presença de todos. Foram aproveitados passeios feitos à Gameleira, a uma fazenda do Barreiro, ao Rio de Pedras, à Nova Lima, etc..

19) Chegando a este ponto, tomei uma pequena planta da cidade, colei-a em uma grande folha de papel onde previamente fiz de leve o contorno do município de Belo Horizonte. Em volta da pequena planta da zona ur-

bana, coloquei os bairros e as fazendas ou lugarejos já conhecidos de algumas crianças. Expliquei que aqueles logares ainda faziam parte de Belo Horizonte.

20) Na aula seguinte levei o mapa do município mais completo, com o contorno, os principais acidentes geográficos, estradas, etc.. Fiz uma legenda que acompanhou o mapa e as crianças souberam interpretá-lo perfeitamente. Também alguma dúvida que surgia, eu sempre ao lado das crianças procurava esclarecer com o auxílio das outras.

21) Em volta do município de Belo Horizonte, foram colocados os nomes dos municípios limítrofes. Sabará e Santa Luzia eram conhecidos devarios alunos. Foi sem dificuldade que os alunos puderam compreender que estas cidades tinham seus municípios dividindo com o de Belo Horizonte" "Quem vai de Belo Horizonte a Santa Luzia, viaja numa parte de terra pertencente a Belo Horizonte e noutra pertencente a Santa Luzia", explicou um aluno.

Quando a classe tomou conhecimento dos acidentes geográficos do município, o rio Arrudas foi bem focalizado por ser o maior que atravessa a cidade e pelos benefícios que lhe presta recebendo as várias rêdes de esgoto. No mapa do município as crianças puderam ver a desembocadura do Arrudas no Rio das Velhas e ver também este rio servindo de limite entre o município de Belo Horizonte e o de Sabará. Mais tarde, quando a classe estudou Minas Gerais, o Rio das Velhas serviu de guia no estudo do São Francisco e seus afluentes.

22) O histórico da cidade também foi lembrado. Do antigo arraial do Curral Del Rei foram recortadas fotografias e colocadas na classe depois de bem interpretadas. A fazenda velha, situada no fim do bairro de Lourdes, foi visitada por um grupo de alunos que moravam naquela zona. De lá foram trazidos por êles peixinhos para um aquário da classe.

Falou-se da fazenda do Cercado construida pelos sucessores de Ortiz.

Entre os homens beneméritos desde os tempos da construção das primeiras casas, mereceram destaque: João Leite Ortiz, Cornélio de Cerqueira, Aarão Reis, João Pinheiro, etc..

A freguesia da Boa Viagem e a Capelinha de Santa Ana tiveram uma referência especial.

23) A educação cívica mereceu todo o meu cuidado dentro do projeto. Mostrei aos alunos a ação das autoridades constituidas, concorrendo para o bem estar da coletividade. Estas residem aquí, por ser Belo Horizonte a Capital, mas seu poder se estende a todo o Estado. Quando estudaram outras cidades, falando de pessoas que ocúpam os mais altos cargos nos municípios, as crianças puderam compreender que elas são auxiliares do governo com séde em Belo Horizonte.

24) E' desnecessário lembrar que o projeto deu assunto às outras matérias do programa. As excursões facilitaram as aulas de aritmética cujos problemas foram formulados em situações reais. As aulas de linguagem foram bastante ampliadas e as aulas de ciências todas tiradas dos produtos que se encontram em Belo Horizonte.

A leitura de informação foi iniciada com este estudo. As crianças começaram a tomar interesse pela vida da sociedade e não raras vezes recortavam dos jornais artigos que vinham auxiliar um assunto já tratado ou iniciado.

Aqui deixo, a pedido de EDUCANDO a exposição de um trabalho muito simples e terei muita satisfação se, com ela, puder prestar algum auxílio às minhas colegas que agora iniciam sua carreira de professora.

O CLUBE AGRICOLA EM PALESTRA

I — O Coelho
II — Instalação de uma coelheira

Por Daniel ANTIPOFF

O coelho parece satisfazer a bastantes requisitos, para ser admitido sem demora entre nossos animais domésticos.

Referindo-se ao cão ou ao gato, os defensores destes dois espécimes carnívoros, usam dizer indistintamente para um ou para outro: "não só ele me presta serviços valiosos, como ainda sinto por ele uma real simpatia". O mesmo raciocínio poderíamos seguir ao falar do coelho. "Querendo", o coelho tambem é habilitado a trazer sua contribuição útil, especialmente desde o novo regime das segundas e quintas-feiras, quando agora descança o açougueiro. Quanto à questão de simpatia, basta observar de perto e conhecer um pouco o coelhinho , para logo gostar dele.

Em certas regiões, nos dias de chuva, há pessoas que se dão ao prazer, bem conhecido dos caçadores, de andar identificando os rastos dos animais, assinalados no solo molhado e macio. Si tivêssemos um faro bastante apurado, não seria preciso contar o número de marcas, o tamanho e a disposição das mesmas para nos certificarmos da espécie animal que as deixou. E' assim que o coelho ou antes a lebre, sua irmã, tem impressões próprias. Delas nos lembramos até hoje, pois não foram apenas observadas in loco, mas ainda porque, tinhamos tirado estas marcas por meio de gesso líquido, que, ao secar naquele molde, tinha reconstituido exatamente a forma do pé. Convém dizer, que os rastos das patas anteriores não são idênticos aos das patas trazeiras. Estas têm cinco dedos e aquelas, quatro apenas. São duas marcas espalhadas e um pouco atraz e entre as mesmas, vêm duas menores seguindo-se.

Acompanhando os rastos, pode-se às vezes localizar a moradia do animal. A lebre, contrariamente ao coelho selvagem, não cava esconderijos ou galerias subterrâneas. A fêmea, quando se trata de garantir um abrigo aos filhotes, procura um buraco já feito na terra ou encontrado em tocos. Um simples esconderijo entre hervas altas a satisfaz às vezes. Estes animais, cujos rastos são frequentemente encontrado na neve, suportam melhor o clima frio que o quente.

Vamos agora procurar deter-nos um pouco diante de um coelho preso numa gaiola. Através da tela de arame, notamos que o coelhinho ouviu algum ruido. Foi o barulho que fizemos ao nos aproximar da gaiola. Vemos-lhe então uma orelha em pé e a outra jogada para traz. E' sinal que ainda não localizou a origem do ruido. Paramos. Já tranquilizado ,as duas orelhas do coelho voltam à posição que lhes são normais, isto é, ambas jogadas para traz. E' a posição das mesmas quando o animal está em repouso e despreocupado. Damos mais um passo. De novo a cabeça que estava enclohida, levanta-se como se fosse acionada por uma mola. Não é apenas o som, que o animal procura apanhar ao movimentar verticalmente a cabeça; ele faz uso ainda do faro, muito apurado que possue Percebe-se-lhe um movimento curioso do nariz. As narinas deslocam-se auxiliadas pelo lábio superior. Finalmente o coelho repara nossa presença. Suas orelhas compridas estão inteiramente em pé. O olhar torna-se vivo, os olhos grandes, quase nunca piscam). Os músculos tensos fazem levantar do piso uma das patas trazeiras; ao tombar desta posição instavel, a pata bate pesadamente no piso da gaiola e a faz estremecer. O

coelho se assista com o barulho, que ele mesmo produziu, e, como um louco, desata a correr, contornando o interior da gaiola. Quando pára, assinala uma dispnéia forte, que nos mostra, como neste cativeiro ele vai perdendo seus predicados de notável corredor dos campos.

As particularidades e qualidades que agora vamos salientar referem-se mais à lebre que ao coelho. Este tem uma estrutura mais encorpada, portanto menos comprida, com patas menos longas, o que o torna menos veloz, menos ágil e menos ousado que a lebre. Quando notamos o comprimento das patas musculosas e trazeiras, compreendemos os segredos dêste campeão de corrida. Dá frequentemente pulos de três ou mais metros de extensão, quando em liberdade.

Assim para a lebre como para o coelho selvagem, a corrida, melhor do que as garras das patas anteriores ou os dentes afiados, constitue ainda o melhor meio de defeza contra os inimigos. Quais são estes inimigos? — Numerosos. Entre outros apresentam-se a raposa, o cão, a cobra, a coruja. Por ser de uma côr, que se confunda com o do seu "habitat" estes roedores todavia possuem mais êste meio para se salvarem dos caçadores.

— Na Austrália, os coelhos selvagens, muito prolíficos, já chegaram a constituir uma verdadeira praga, devastando culturas e criando vastíssimos desertos.

Quanto às raças de coelhos, elas são numerosas. O coelho comum é cinzento. O gigante de Fladres, de porte grande, alcança fàcilmente cinco quilos. Sua pele é muito estimada. O coelho russo é branco com olhos vermelhos. A carne que apresenta é bem saborosa. O Chinchila é muito pequeno. Sua pele é muito valorizada. A raça Azul de Viena se caracteriza por um reflexo azulado. O coelho Angorá Branco tem um pêlo que se presta como a lã dos ovinos para manufatura dos tecidos. Este coelho produz mais de 200 grs. anuais de cabelo. Necessita, porém, de tratos especiais, como de pentear o cabelo que mede até 15 centímetros de comprimento.

Depois dêste paralelo entre a lebre e o coelho, de raças diferentes, já podemos voltar ao nosso pequeno animal domesticado. Nascido na própria gaiola, êle se torna manso e familiarizado com aquele que diàriamente (duas vezes ao dia) lhe traz a comida. Alimenta-se de capins frescos e aguados, de couve, trevo, alfafa, de hastes e botões de gramineas. Aprecia uma grande variedade de fôlhas e folhagem, raizes, tubérculos, grãos e farelos. E' curioso vê-lo comer. Graças ao movimento dos lábios, êle vai puxando o que em seguida ser á triturado pelos dentes. Quantos dentes tem o coelho? — Com os outros roedores, dispõe de um par de incisivos, longos, afiados em cada maxilar. Além dêstes e apenas no maxilar superior, encontra-se, de cada lado do já referido par, um outro dente, incisivo, curto e que hoje, já não parece ter mais uso. As gerações passadas certamente lhe achavam alguma utilidade.

Assim, é sobretudo pelos dentes, que o coelho, a lebre, o esquilo, o castor e outros, foram entre os mamíferos agrupados na ordem dos roedores.

Como é lindo o coelhinho, quando, à maneira de um cangurú, se ergue nas patas trazeiras. O pêlo é lustroso. E' mais curto, mais macio, mais claro à medida que se olha para o peito. E' êste precisamente que a fêmea irá tirando, para o ninho, quando sentir próximo o nascimento dos filhotes. Por baixo do nariz, repara-se um bigode elegante que todavia desempenha uma função importante. Constitue uma espécie de antena, em que se localiza o centro do sentido do tacto. Quando dois coelhos se encontram amigàvelmente é pelo bigode que dão o "abraço".

Consideramos agora uma coelha em vésperas de dar à luz. Sendo selvagem, ela cava com as patas dianteiras uma espécie de túnel espaçoso para si e suas crias; domestica-

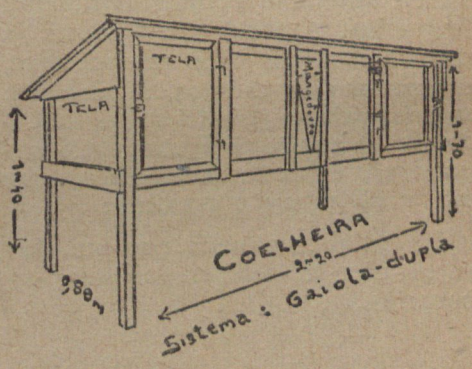
da, irá escolhendo o canto mais escuro da gaiola. (E' mesmo indicado oferecer-lhe um caixotinho, provido de um furo, à guiza de ninho). Quando se sente ao abrigo das visitas e incômodos, ela prepara o ninho, juntando capim sêco (que nesta ocasião é mister proporcionar-lhe). Na véspera de dar cria, arranca do próprio corpo uma grande quantidade daquele cabelo macio, que vai levando entre os dentes. Os coelhinhos nascem geralmente de noite, ou madrugada, absolutamente despidos. São agasalhados com o fino cabelo, que lhes mantém o calor do corpo. Nascem com os olhos cerrados e só abrem depois do décimo dia. Com quinze dias de vida, o corpo perde o aspecto da pele, pois já está inteiramente recoberto com cabelos. Após seis semanas de nascidos, opera-se a desmama, caso os coelhinhos sejam destinados à engorda, tornada rápida quando se efetua a castração. Quando, porém, se quer obter bons reprodutores, é aconselhável esperar até dez semanas antes de suprimir por completo o regime lácteo.

Do romance dêste coelhinho simpático, passamos insensivelmente à tragédia pela qual passam infelizmente a maior parte dos nossos animais domésticos. Não há meio porém de abolir estas "crueldades", pois de um modo ou de outro, o homem se ressentiria desta sentimentalidade esquesita. O que, a nosso ver, não convém considerar é aquela crença efeminada, que consiste em poupar certos animais, porque são "bonzinhos" e deixar sacrificar outros porque são "feios".

Assim iremos prosseguindo nosso drama, entrando agora no segundo ato. Mostraremos esta vez não tanto uma atitude de esteta diante das maravilhas da Natuerza, como antes umas tendências utilitaristas, que são absolutamente justas para o homem, que razoável e friamente considera a natureza da nossa existência terrestre.

Aconselhamos portanto, uma pequena criação rústica, que terá muitas vantagens:

Despertará nos meninos um sentimento de curiosidade inteligente, favorecerá o desenvolvimento da observação, dará o hábito para trabalhos feitos com continuidade e esfôrço. O adulto terá o ensejo de fazer compreender por analogia ao adolescente, certos fenômenos biológicos nossos, que êle tem o dever de lhe ensinar antes que os aprenda mal e delas tenha a percepção errada de coisas condenáveis e feias. Enfim a criação de coelhos, numa área insignificante, pode ser uma das atividades de um CLUBE AGRICOLA escolar.



A criação, pois, ganha quaido feita em gaiolas levantadas do chão a cêrca de um metro de altura. Esta medida põe os coelhos ao abrigo da humidade e facilita os tratos posteriores. São aconselháveis paredes e sobretudo piso de tela de arame, afim de manter constantemente o asseio por dentro da gaiola. (Fig. 1) Diariamente, limpa-se o chão, acima do qual s eencontram as gaiolas.. Deve-se jogar o que se ajuntou nesta limpeza numa esterqueira apropriada, a cuja construção já nos referimos à pág. 714 do n. 27 de EDUCANDO.

Quantas gaiolas serão precisas para uma pequena criação ? Pelo menos duas para começar, e quatro em seguida. Porque ? — Vamos pois estudar o assunto. Numa gaiola ficará o reprodutor macho; numa outra a fêmea. Quando a coelha der cria (isto é em média 5 a 10 láparos) ela os amamentará umas seis semanas, como já dissemos. Após êste prazo

será conveniente separar os coelhinhos da mãe, juntando os indivíduos do mesmo sexo, divididos nas gaiolas restantes. Nestes mesmos dias, a fêmea será de novo enxertada (fecundada) e após uma gestação de 30 a 33 dias, dará a segunda cria. Na desmama desta segunda cria (seis semanas), os coelhinhos da primeira cria, já estarão com quatro meses de idade. Aumentando a alimentação dêstes com um pouco de arroz com casca e milho, já se poderá pensar na sorte dêstes animaiszinhos: oferecer ou vender alguns casais, sacrificar alguns machos ou melhor ainda, aumentar o número de gaiolas. A partir dos 6 meses, já são considerados bons reprodutores. Em resumo, fazendo os cálculos com as seis gaiolas primitivas, e sabendo que no ano se pode obter pelo menos cinco crias de cada fêmea, teremos a distribuição seguinte:

1.ª gaiola, ocupada por um bom reprodutor e onde se farão as coberturas.

2.ª gaiola, ocupada por uma fêmea verificada boa criadeira.

3.ª gaiola, ocupada pelos láparos machos — gaiola "viveiro" — logo após a desmama.

4.ª gaiola, ocupada pelos láparos do sexo feminino.

5.ª gaiola, ocupada pelos coelhinhos machos — gaiola "engorda" do 3. mês em diante.

6.ª gaiola ocupada pelos coelhinhos do sexo feminino.

E' inútil insistir sôbre as vantagens econômicas que se pode tirar desta criação já que as despezas da alimentação (quasi que folhas) são insignificantes. Além das peles, muito valorizadas em certos mercados, o coelho ainda proporciona uma carne "muito mais rica do que a dos bovinos, quer em proteinas, quer em sais minerais." E' considerada também mais nutritiva que a da galinha", conforme estudos feitos.

Minha Senhora! Permanentes todos fazem, mas uma linda ondulação permanente só é feita no

INSTITUTO LUDOWIG

Massagens, limpeza de pele, manicure, penteados e tinturas ainda no

INSTITUTO LUDOWIG

No interesse de sua beleza use sempre os afamados produtos de beleza LUDOWIG

RUA DA BAÍA, 1075 —:— TELEFONE, 2-1969

O problema do menor abandonado

Salvador Pires PONTES

A escola deve cooperar eficientemente na valorização da criança que é a maior e mais esperançosa grandeza da pátria. E nesse mistér está a sua precípua função.

A educação ,a instrução, a formação de bons hábitos de higiene física e mental, de trabalho, de educação moral, cristã e social, enfim a formação de sadia personalidade do pequeno cidadão brasileiro, — são aspirações que nós educadores e professores almejamos para a criança.

A escola é pois o cadinho da pátria onde se fundem e se amalgamam os interesses, ideais e anélos da nacionalidade.

Qual o motivo do desenvolvimento incomparável dos E. U. da América do Norte, de sua grandeza e prosperidade?

Na opinião de Rui Barbosa, — "à mais natural e palpavel das causas: — à generalização do ensino popular, à identificação da vida nacional com a escola comum".

Nestas horas de sofrimento para as nações que se debatem nos horrores da guerra, faz-se mistér uma campanha, sem trégua, de educação e reconstrução nacional.

Valorizar o homem brasileiro pela instrução, pela educação e pela saúde, é valorizar a sociedade, é valorizar a nação.

Sejamos terreanos, afirmando que a vitalidade de uma nação depende do esforço por criar e cultivar o homem são e o homem útil.

Ouçamos Belizário Pena, o apóstolo do saneamento rural, quando afirmou com sua reconhecida autoridade, "ser preciso, alem da criação de grande numero de escolas, amparar a indigência de nossa população rural, dando o meio e o incentivo da propriedade."

Oxalá existissem em todos os municipios mineiros estabelecimentos similares à granja escola João Pinheiro, situada na Fazenda da Gameleira, nas proximidades de B. Horizonte e criada pela inteligência e grandeza de coração de João Pinheiro, o pregador da república, a qual constitue o tipo perfeito da Escola Nova, de processos educativos e finalidades iguais aos dos modelares estabelecimentos norte-americanos, e destinada à educação dos menores abandonados e desprotegidos.

Tambem a criação de escolas normais rurais que se destinariam a formar nos futuros professores a conciência dos problemas rurais e valor das pequenas industrias.

Nesse sentido, muito podem fazer a Escola Agrícola de Viçosa, a Florestal, Candido Tostes de Juiz de Fora e outros órgãos técnicos que dariam diretrizes e orientação profissional, principalmente, no sentido de incutir no espírito do povo o amor pela vida rural ou profissional, atenção ao valor das pequenas indústrias e vantagens que as classes proletárias poderiam tirar desses conhecimentos. Assim, estariamos valorizando o capital humano de milhares de brasileiros e evitariamos sua transformação em elementos negativos, pezo morto para a sociedade — verdadeiros parasitos sociais. Não aproveitam as indústrias as escórias das matérias primas?

A infância abandonada ou excepcional não constitue escória da sociedade: — é elemento de valor latente que pode ser transformado em eficiente operario, hábil artezão e cidadão prestante. A falta de escolas profissionais e instituições sociais tem feito com que, mesmo em cidades industriais, haja número elevado de meninos abandonados ou vadios na sruas ou zona rural.

Sempre ativa e vigilante, felizmente é a ação do juiz de menores, o pro-

tetor legal dos menores abandonados.

O Estado e organizações particulares com os seus orgãos especiais podem minorar essa triste consequência da ignorância e da miséria, principais fatores da desvalorização do homem. Felizmente, o Estado Novo brasileiro tomou a sério a construção de grandes escolas profissionais "que deverão constituir uma vasta rêde de ensino popular, com irradiação por todo o país", na feliz expressão do presidente Getulio Vargas.

E a educação do brasileiro toma um sentido mais prático.

Enquanto cresce de cinco vezes a matrícula nos cursos secundário e profissional, diminue de 1/3 a matricula nos cursos superiores. As condições econômicas da familia proletária estão sujeitas a grande flutuações que influem profundamente na vida da criança.

Devemos notar que há tambem grandes choques espirituais e materiais na vida do menino camponês que emigra para a cidade, onde a adaptação é dificil.

Bem graves são igualmente as condições do lar que influem pezadamente no jovem: — pobreza, abandono, falta de carinho, mau meio social, vagabundagem, imoralidade, alcoolismo, grande ignorância, enfermidades familiares, deficiência mental da familia, etc.. Daí, a dificuldade da assiduidade escolar, porque a lei da frequência escolar obrigatória é uma cousa e a possibilidade de ir a criança à escola é outra.

Grandes faltas fazem as clínicas psiquiátricas assistência médica e dentária.

Ótimo corretivo para a vagabundagem são os centros de recreio ou parques que oferecem aos jovens distrações sãs, agradaveis e elevadas. O trabalho das mestras visitadoras ou visitadoras sociais, como há nos E. U. da America do Norte e na Inglaterra, poderia resolver muitos casos de falta de ajustamento entre as necessidade da vida do jovem e o que a sociedade e a escola lhe oferecem.

O trabalho da mestra visitadora favorece a socialização da escola, pois que a escola para dar o rendimento que se exige forçosamente deve marchar de acôrdo com os interesses próprios e do lar.

Em contato com os lares, a mestra visitadora poderia solucionar muitos problemas escolares e sociais de alto alcance filosófico social.

Ninguem como a mulher mestra, mãe ou enfermeira para serviços de tal magnitude.

Dentre esses problemas sobrelevase o da alimentação. As estatísticas, nossas observações e experiências mostram que o número de crianças e adultos subnutridos é elevado.

Toda cidade deveria ter uma organização de proteção às crianças abandonadas que teriam amparo e proteção.

Os Estados romanos, não obstante a severidade das leis de seus césares, tomaram medidas protetoras com a instituição alimentar "sopa" criada por Trajano em favor das crianças pobres.

A alimentação racional constitue hoje um capítulo importante da medicina e da saúde pública.

Está provado que as condições precárias de alimentação produzem no indivíduo perturbações mentais que podem chegar à inanição e formas de delírio.

Essas perturbações podem ser observadas nos abstinentes voluntários, místicos, jejuadores, náufragos, pobres,etc..

A celula nervosa não tendo material nutritivo que a alimenta, consome seus próprios elementos constitucionais.

Daí provém alterações profundas no metabolismo celular e um estado de auto-intoxicação, proveniente da autofagía que produz no indivíduo alienação mental, instabilidade mental, psicóses várias, etc...

Tal é o resultado da fome, que, como belamente a define A. F. de Castilho, "é martírio longo e doloroso, ao cabo do qual há um adormecer suave na morte".

A deliquência infantil, o desiquilibrio nervoso, a instabilidade mental

de muitas crianças têm íntimas relações com o problema alimentar.

A comissão consultiva das questões sociais da Liga das Nações de Genebra, examinando diversos problemas de ordem alimentar na medida de seu interesse à assistência social, à administração de socorros, chegou a conclusão de que "a manutenção de um nível conveniente de alimentação depende essencialmente de dois fatores: "*das rendas do individuo ou da familia e do conhecimento do valor nutritivo dos alimentos*, o que permite melhor emprego das rendas.

O ensino nesse caso, deve ser ministrado não somente às classes operárias como tambem às autoridades públicas e domesticas.

Torna-se necessário a organização de cardápios para uso e conhecimento do povo. Na preocupação constante de valorizar o capital humano, a democracía cuida não somente da liderança, mas tambem da preparação de homens para o exercício dos deveres de cidadanía, em ocupações várias.

Formar não somente doutores, mas técnicos, artífices, operarios, enfim cidadãos eficientes e felizes — forças vivas da nação.

Amparemos, então, com nosso carinho e ação essas escórias sociais, "filhos das ruas" e verdadeiros "orfãos de pais ainda vivos" que tiveram talvez a desgraça de ter pais, na incisiva afirmação de Demoor.

Nossa atenção deve sempre se voltar para as crianças abandonadas ou menos favorecidas que mais precisam de amparo e proteção, porque perecem à mingua de amor e pão.

Aproveitemos as suas inclinações e aptidões naturais, transformando-os em cidadãos felizes e úteis. Organizemos em todas as cidades e vilas a "sopa dos pobres" à maneira da bela instituição "A sopa dos Pobres" idealizada pelo bonissimo coração do Efigênio Sales Vitor, que, auxiliado por "punhado de homens bons" fornece diariamente, em Belo Horizonte, alimento a mais de 250 pobres — mulheres e crianças; para receber a sopa, basta ter necessidade de comer."

Organizações dessa natureza devem ser espalhadas por toda a parte, tal a relevância de sua finalidade altamente cristã: — "dar de comer a quem tem fome".

Não nos conta a bíblia que a viuva de Sarepta partilhou sua refeição com um estrangeiro!

Ajudemos os desamparados e desprotegidos ,pois "o nosso vaso de azeite e a nossa medida de farinha não se exgotarão jamais se não deixarmos nosso próximo na necessidade."

A Gráfica Queiroz Breiner Ltda.

que imprime a Revista EDUCANDO acaba de instalar á Rua Espirito Santo, 562, completa seção

LIVRARIA E PAPELARIA

com organizado serviço de REEMBOLSO POSTAL para atender aos seus freguezes do interior.

RESPONDENDO...

L. M.

Afim de atender a diversas consultas que têm chegado a esta redação sobre questões de ensino, iniciamos, com o presente número, esta secção que esperamos seja de utilidade aos nossos leitores.

A consulta a que ora respondemos se prende a questões aritméticas.

1 — Uma classe de 2.º ano pode resolver questões cujos dados numéricos os alunos não saibam ler, como no seguinte exemplo: 1506372 × 238?

A significação dos números que entram em qualquer operação deve ser conhecida dos alunos, daí o cuidado da professora em escolher os exercícios que vai dar. "Qualquer palavra ou algarismos só adquire sentido quando associados a algum objeto, acontecimento, qualidade ou relação real". No presente caso, o multiplicando nenhuma significação tem para o aluno que alí vê apenas uma série de algarismos, pois que para expressar um número deveria estar separado em classes: 1.506.375 × 238. Mesmo assim, terá um aluno de 2.º ano conhecimento de numeros tão elevado? Nunca se deve dar contas com números que nada expressem e sobretudo, que não possam ser lidos pelos alunos. No 2.º ano as operações de multiplicar não vão além da multiplicação de número composto (até 3 algarismos) por um simples. Ex.: 672 × 3.

O exemplo apresentado pela nossa prezada consulente está pois em absoluto desacordo com o que aconselha e pede o nosso programa em experiência. Uma leitura atenta da súmula metodológica que precede o programa de aritmética lhe dará uma orientação segura, aí encontrando respostas satisfatórias a muitas das suas indagações. A matéria se encontra perfeitamente dosada e bem distribuida por trimestres; a sua observância fiel só pode conduzizr a um resultado feliz.

Muitas das dificuldades que confessa encontrar no ensino de aritmética podem ser vencidas se levar em consideração o objetivo da aritmética na escola de hoje, objetivo que visa a desenvolver a criança de modo que ela tenha possibilidade de resolver todos os problemas que se lhe apresentam na vida. O professor que continuar ensinando a aritmética pela própria aritmética, sem nenhuma relação com a vida prática, fazendo mais apêlo ao esfôrço que ao interêsse está concorrendo para fazer da aritmética uma disciplina odiada, quando devia ser a matéria preferida por envolver trabalho definido, exato, satisfazendo o instinto de pesquisa que há em toda criança e desolvendo a sua natural ansia de atividade.

"Muitas dificuldades experimentadas pelo aluno no aprendizado da aritmética, diz Thorndiúe, são desnecessárias. O bom mestre pode evitá-las, ensinando cada assunto como deve ser ensinado e no momento exato em que o deve ser". Daí a necessidade de conhecer essas dificuldades para conseguir o "meio adequado à mente infantil para enfrentá-las e vencê-las". O programa em experiência já trás a matéria devidamente selecionada e graduada, com excelentes sugestões para a sua aplicação.

II — Vejamos agora como vencer as dificuldades que a consulente vem encontrando no ensino da divisão por mais de um algarismo.

Para que o aluno chegue a dividir com rapidês e acêrto, torna-se necessário:

1.º) que conheça bem as três primeiras operações;

2.º) que tenha conhecimento seguro dos fatos básicos da divisão.

(Os fatos básicos da divisão correspondem aos da multiplicação e são dados desde o segundo ano).

Antes de ser dada a divisão por dois ou mais algarismos no divisor, convem atender-se aos seguintes passos:

1.º — Divisão por um algarismo sem reserva e sem resto. Nessas divisões o quociente pode encerrar mais de um algarismo. Esses exercícios auxiliam a fixação dos fatos fundamentais. Ex.: — 8426 | 2

2.º — Divisão de fatos básicos com resto: 18 | 3 27 | 4, etc.

3.º — Divisão de um número composto por um simples deixando resto: 38 |6

4.º — Divisão por um algarismo com reserva e sem resto: 162 | 6

5.º — Divisão por um algarismo com reserva e com resto: 147 | 5

6.º — Divisão com zeros no quociente (no fim, no meio, etc). — 482 |4 8680 | 8

6.º — Bem exercitados nesses passos que aparecem desde o segundo ano, iniciar a divisão por dois algarismos.

E' em Thorndike que vamos buscar normas para esse trabalho (1).

"Primeiramente devemos selecionar os números que devem multiplicar o divisor e essa seleção torna-se mais fácil se usarmos divisores como 21, 31, 41, ou 19, 29, 39, etc.; entretanto, mais cedo ou mais tarde o aluno terá que julgar, por si, qual o algarismo mais conveniente. Mas para chegar a esse julgamento, torna-se necessário:

a) conhecmiento seguro dos produtos de 2 a 9 e de 20 a 90;

b) grande poder de associação para que possa rapidamente pensar no número e experimentar.

Para selecionar o numero certo, alguns processos se apresentam:

1 — Tendo que dividir 6125 | 76, o aluno pensa: 9 é muito, porque 9 × 70 é 630; 8 é muito proximo: — 8×70=560; 7 é provável: 7×70 é 490. Enquanto retem 560 ou 490 pensa que tanto 8 com 7 podem servir. Sem perder de vista 612. Para julgar da segurança com que pode escrever 8, deve ainda, fazer a multiplicação mental.

2 — O aluno pensa: 9 não, porque 9 × 70 é 630; 8, provavelmente: 8 × 6 = 48; 8 × 7 56, + 4 = 60 ou seja 608; convem 8 ou 7 × 6 = 42; 7 × 7 = 49 + 4 = 53 ou seja 532. O aluno se decide por um dos números pensados, o 8 naturalmente, que é o mais próximo. Em qualquer ponto pode arriscar uma decisão. Assim em — 4276 | 74 o pensar em 6 × 70 = 420 com o 4 de 74 e o 7 de 472 em vista, conduzirá o aluno a resolver-se imediatamente pelo numero 5. Ora, isto se daria por uma rápida coordenação de fatos ou de probabilidades.

Quaisquer desses processos podem tornar o trabalho fastidioso ou difícil. A melhor prática é arriscar uma decisão, multiplicar e experimentar outro número, se o primeiro fôr fraco ou forte. Bons calculistas assim fazem. Deve-se, portanto, encorajar os alunos e mesmo insistir a que procedam assim. A seleção dos algarismos a experimentar no quociente não deveria ser feita por nenhuma prescriação convencional, mas por inspecção geral da situação, acompanhada do calculo mental suficiente, de qualquer natureza, contanto que conduza a estimativa acertada.

Em linguagem infantil a regra para encontrar o número conveniente seria: "adivinhe e diga logo que achar que pode acertar", embora o processo em nenhum sentido possa ser qualificado como idéia inconsiderada. E' ,mais propriamente, o atuar do repertório inteiro das capacidades de uma pessoa relativamente à situação a que chamamos julgamento, tato, discernimento ou perspicácia.

As crianças agirão assim e sentirão prazer em fazê-lo, se forem bem orientadas. Depois de dominado o processo geral com divisores como 21, 31, 41, 29, 39, 49, etc., apresentar o trabalho como se mostra abaixo.

Achar os quocientes e os restos.

---

(1) Metodologia.

Pode-lhe acontecer tomar um algarismo errado para o quociente. Neste caso, veja se é forte ou fraco e substitua-o. Mas procure acertar, logo da primeira vez.

1) 992 | 47 — Em 99 há 2 vezes 47 ou 1 só?

2) 538 | 27 — Em 53 há 2 vezes 17 ou 1 só?

3) 476 | 17 — Em 47 há 3 vezes 17 ou 2 vezes só?

4) 8102 | 35 — Experimente 2. Como sabe que dá 2 e não 3?

5) 9276 | 13 — Experimente 1. Porque não dá 2?

6) 817 | 28 — Em 81 há 3 vezes 28 ou só 2?

7) 1249 | 312 — Experimente 4. Por que não dá 3?

8) 375 | 151 — Vai experimentar 3 ou 2?

E, assim, organizar novos exercícios.

A complexidade do processo, que obriga a transferência da escôlha do algarismo do quociente para a multiplicação, desta para a correta colocação do produto, dêste para a subtração e desta para o ato de abaixar o algarismo do dividendo, não póde ser evitada, nem muito atenuada. O espaçamento dos algarismos do dividendo facilita um pouco o trabalho. O dominio prévio de cada processo, em separado, previne o excesso de dificuldades. Contudo, o processo da divisão longa é complexo. Portanto, deve se considerar que o aluno precisa de tempo e esfôrço para dominá-lo. Lembremo-nos, ainda, de que as divisões longas teem poucas aplicações na prática. Apresentemô-las, pois, aos nossos alunos como uma especie de exame ou teste das capacidades adquiridas. Conseguir acertá-las é dar prova de que sabe multiplicar, somar e subtrair corretamente.

O essencial é saber, com segurança, o que deve saber e como fazê-lo. O treino das divisões de quociente simples facilitará o trabalho de determinar os algarismos do quociente e estimar, aproximada e rápidamente, quantas vezes um número contem outro."

"A educação só por si não forma homens completos"

O Visconde de Walsh, visitando um dia a prisão do Monte São Miguel, entretinha-se a desenhar alguns pormenores do interior. Hesitava ante uma linha de perspectiva, quando um jovem prisioneiro, um belo e agigantado rapaz se aproximou e, com uma palavra, um gesto, retificou o desenho.

— O senhor desenha? disse-lhe o visitante.

— Sim senhor. Deram-me todos os conhecimentos; mas, porque nada mais me deram, é que o senhor me encontra aqui.

GINA'STICA HISTORIADA

A COLHEITA DAS LARANJAS

I — Vamos, meus meninos a caminho da chácara da vóvó de Jaques. Avancem 2 a 2, de mãos dadas (passo de marcha). Para mostrar que estão contentes balancem os braços para diante e para traz, enquanto caminham. Contem os passos: 1, 2, 3, 4, ". No quinto passo batam com o pé no chão mais fortemente.

II — Ei-nos no pomar. Paremos no portão da entrada. Há arvores na frente da casa. Olhem bem para ver se são laranjeiras. Olhem à frente, olhem à direita, olhem à esquerda (Rotação da cabeça).

III — A porta se abre. A avó de Jaques aparece. Cumprimentem-na bem polidamente. (Flexão do tronco para a frente).

IV — Jaques beija a vovó nas duas faces. Façam a mesma cousa (Flexão da cabeça à direita e esquerda).

V — Agora, a caminho do pomar. (marcha ordinária). O capim está alto. E' preciso levantar bem os pés. (Marcha com elevação dos joelhoso).

VI — Chegamos junto das laranjeiras. Que perfume agradavel, não estão sentindo? Vamos respirar esse perfume gostosoo. (Exercício de respiração). Os galhos estão altos. Levantem-se na ponta dos pés e apanhem algumas laranjas (Extensão dos braços e equilibrio na ponta dos pés).

VII — Vamos agora àquela grande laranjeira (Marcha — passo largo). Párem. Façam uma roda em torno da laranjeira.

VIII — O jardineiro que está trepado na escada vai lhes jogar algumas laranjas. Olhem onde está o jardineiro. Estendam os braços para receber as laranjas e depois as coloquem dentro das cestas que aí estão ao lado de vocês. (Flexão de cabeça para traz, extensão dos braços para frente e flexão do tronco à direita).

IX — Todas as cestas estão cheias. Antes de vocês se sentarem para comer as laranjas, corram ao redor da laranjeira. (Corrida em serpentina).

X — Assentem-se agora e chupem as laranjas (Descanso).

XI — Vamos voltar à escola. Carreguem as cestas com a mão esquerda. Elas estão pesadas. Andem de vagar. (Marcha natural).

XII — A vovó de Jaques está à janela. Digam-lhe "adeus" com a mão direita. Está terminado o nosso passeio, podem ir para as suas casas (Debandar).

O VALOR DA LEITURA SILENCIOSA

(NOTAS TIRADAS DE "COMO SE ENSINA A LEITURA" — De PENNELL E CUSACK)

O mundo educacional, inspirado na nova concepção de que o aluno só se prepara para as atividades da vida, através de atividades próprias, desenvolvidas em condições tão aproximadas quanto possivel das situações reais, vem acentuando a necessidade de dedicar a escola maior espaço de tempo à leitura silenciosa do que à leitura oral.

Graças ao maior conhecimento do processo da leitura, tórna-se possivel determinar, cientificamente, as vantagens da leitura silenciosa sobre a oral.

O estudo e confronto dos dois processos vem mostrar que a leitura silenciosa:

1 — Exercita no tipo de leitura mais usado na vida.

2 — Economisa tempo e esforço visual e voçal.

3 — Auxilia a compreensão.

4 — Permite a liberdade de escolha do assunto que mais interessa a cada leitor.

5 — Permite a cada um o desenvolvimento da velocidade na leitura.

6 — Exercita no tipo de leitura mais necessário ao estudo das outras disciplinas.

Reconhece-se, hoje, que o fracasso de muitas crianças, relativamente aos estudos de história, geografia e aritmética é, muitas vezes devido à incapacidade de interpretação do material lida.

As crianças exercitadas exclusivamente na leitura oral, sentem, em regra geral, sérias dificuldades para entender e enunciado de qualquer problema e, sendo incapazes de selecionar organizar e aplicar o material necessário à solução dos mesmos, por exemplo em história e geografia, recorrem à decoração "ipsis litteris" do texto.

Nos anos mais adiantados deve-se dedicar mais tempo e maior atenção à interpretação de material informativo, através da leitura silenciosa.

MATERIAL PARA LEITURA SILENCIOSA

Qualquer tipo de material de leitura presta-se à leitura silenciosa, visto que esta deve preceder sempre a leitura oral. Ha, entretanto, certo tipo de material especialmente apropriado à leitura silenciosa: é o de caracter informativo, como o que se encontra nos jornais, nas revistas e nos compendios de história, geografia, ciências e outras disciplinas. Mesmo em material de tipo literário, encontram-se trechos que, de preferência devem ser interpretados livremente pela criança.

Deve haver, portanto, em cada classe, grande variedade de material informativo, para que se possa efetuar uma prática efetiva e estabelecer os hábitos corretos de leitura silenciosa.

O PREPARO CUIDADOSO DA LIÇÃO

Os habitos, as habilidades e atitudes necessarias à boa leitura silenciosa não se podem formar pela ação isolada do aluno. Dependem sobretudo da orientação e da direção habil do professor, e, por conseguinte, do preparo cuidadoso de cada lição.

Esse preparo exige:

1 — O conhecimento das necessidades da classe.

2 — O conhecimento do material escolhido.

3 — O habil desenvolvimento da lição.

I NECESSIDADE DA CLASSE — O conhecimento das necessidades da classe deve constituir a base para:

1. *A seleção do material* (Deve haver em cada classe um material de leitura rico e variado para atender as necessidades da mesma).

2. *O agrupamento dos alunos* — A não ser que haja na classe uma homogeneidade perfeita, é aconselhavel dividí-la em pequenos grupos, segundo as variações do interêsse da capacidade de compreensão, da velocidade e dos habitos a formar.

3. *A aplicação da leitura* — Os trabalhos que seguem uma lição já com o fim de aplicá-la, já com o de servir de base à lição seguinte, devem ser determinados ou pelas necessidades individuais, ou pelas necessidados grupos ou pela classe.

II — *Conhecimento do material escolhido.* Para que possa realmente auxiliar os alunos na formação de habitos desejados, necessita o professor de estudo acurado do material escolhido, não só nas ideias centrais que encerra, como em suas divisões mais importantes. A extensão e desenvolvimento da lição dependem das necessidades da classe e da organização apropriada do material.

III — DESENVOLVIMENTO DA LIÇÃO — Qualquer lição de leitura pode ser desenvolvida com êxito, observando-se os seguintes passos:

A — *PREPARAÇÃO* — Nessa etapa da lição, importa considerar:

1. *A introdução*, cujo papel é desdespertar o interesse da criança pela leitura que se pretende fazer. Diversos meios podem ser aplicados para a introdução da leitura: uma excursão, uma história ou poesia, uma gravura, objetos trazidos à classe, etc., etc.. Compete ao professor escolher o melhor meio que se adapte ao material a ser lido. A introdução deve ser curta e conduzir diretamente ao ámago do assunto.

2. *A motivação* que deve derivar direta e naturalmente da introdução.

Ao traçar o plano de sua lição, o professor deve decidir qual o motivo mais apropriado para a efetuação da leitura escolhida. A enunciação clara da finalidade ou motivo é fundamental pelo efeito que produz sobre a marcha do pensamento e da leitura As finalidades de uma leitura podem ser várias

a) a responder a perguntas que requeiram a compreensão da ideia principal do assunto;

b) escolher assunto próprio para dramatização ou reprodução;

c) formular perguntas sobre pontos principais da leitura, para dirigir aos colegas;

d) fazer critica ou inventar nomes para o trecho lido;

e) julgar o carater dos personagens que entram na história lida;

f) fazer o resumo da lição, e etc., etc..

3. *Dominio das dificuldades gerais* — As dificuldades gerais devem ser dominadas antes da leitura silenciosa, para que não influam desfavoravelmente sobre o interêsse, a compreensão, a velocidade e os movimentos oculares. O professor deve, portanto, estudar as dificuldades do trecho escolhido para explicar à classe os pontos que possam constituir embaraço para a maioria. As dificuldades individuais devem ser atendidas, diretamente pelo professor, durante a leitura silenciosa.

B — *LEITURA SILENCIOSA* — Enquanto o aluno efetua a leitura si-

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

lenciosa, o mestre procura atender as dificuldades individuais, levando a cada um o auxilio necessitado e solicitado. Deve, também, procurar diagnosticar as causas da falta de compreensão e da morosidade com que alguns leêm.

Logo que a maioria haja terminado a leitura silenciosa, deve o professor entrar no comentário. Os que não houverem terminado poderão fazê-lo mais tarde.

C — *COMENTÁRIO* — O comentário é o passo culminante, o mais importante e o mais dificil da leitura silenciosa. Por ele o professor pode verificar se as dificuldades foram bem dominadas, se o assunto foi bem compreendido e devidamente apreciado. Consiste numa palestra animada entre o professor e os alunos.

Poderá constar de:

1. perguntas que envolvam um apanhado da ideia principal do assunto.
2. perguntas pelas quais se possa aferir a compreensão dos pontos principais, dos pormenores mais importantes;
3. perguntas que exijam julgamento, obrigando à certas conclusões que levem à apreciação do enredo, de caracteres do estilo, etc..
4. perguntas que exijam a leitura oral de certos trechos;
5. perguntas que auxiliem o dominio das dificuldades, como:

   a) perguntar quais as palavras mais dificeis; b) qual o sentido de palavras, expressões, etc.;

   c) pedir ao salunos que substituam palavras por sinonimos

D — *APLICAÇÃO* — A própria natureza do assunto deve determinar sua aplicação. Se se prestar, principalmente à leitura oral ,será necessário dedicar outra lição a sua interpretação em voz alta. Em se tratando de trechos de conversação a leitura oral poderá assumir a forma dialogada em que cada aluno se encarregue da parte de um personagem, quer lendo-a, quer dramatizando-a. Se o assunto porém fôr mais adequado à leitura silenciosa, os alunos poderão aplicá-la ilustrando, recortando ou modelando as principais cenas, incidentes ,personagens ou fatos de que trate.

Assim a aplicação póde consistir na utilização do mesmo assunto:

1. Em outra lição, mas com motivo diferente.
2. nas horas de trabalho independente, individual ou em grupo.

"A autoridade é uma coisa grande e santa perante a qual o espirito se inclina, sem que o coração se humilhe." (Guizot)

RADIO INCONFIDENCIA

E' fácil perceber-se a dificuldade a ser vencida, para se dar a uma rádio-emissóra no Brasil, a verdadeira finalidade educativa, social e humana que deve ter êsse moderno instrumento de propaganda criado pelo engenho e pela civilização.

De modo geral, desde que se distancie um pouco dos sambas e das "chan chadas" no rádio brasileiro, o campo da observação revela-nos somente tentativas mais ou menos interessantes, que, a se livrarem do fracassso, vivem uma existência obscura perdida entre os programas e os artistas de segunda importância, e ofuscadas pelo alarido que cerca os programas populares e as exibições barulhentas dos "nobres" da música popular.

A Radio Inconfidencia deve ter sido a emishôra brasileira que conseguiu realizar maior número de programas educativos ou de mais elevado valor intelectual e artístico no Brasil. E isso, graças a uma segura orientação que a norteia desde o início do seu funcionamento, orientação essa que jamais se deixou prender pelo preconceito, mas se colocou acima dos planos rigidos e da "ogeriza" por determinadas espécies de programas, aceitando todo genero de trabalhos adaptáveis ao radio, com a única condição de serem bons.

Graças a isso, a Inconfidencia se vangloria hoje de ter sido a reveladora de vários grandes valores da múhica brasileira, e de expoentes consideráveis da radiofonia brasileira nos diversos ramos e gêneros artísticos.

Mas, os programas especializados da emissôra oficial, são o outro ponto de real valôr das suas iniciativas. Variam desde o mais fino trabalho de seleção e apresentação musical até os mais sérios comentarios jurídicos. Todas as noites, às 22,35, a Inconfidencia apresenta essa programação esmerada, em que figura a colaboração dos mais destacados nomes da poesia, do jornalismo, dos estudos históricos e da cultura mineira.

Varios outros horarios já se impuzeram também pela excelência das suas programações na onda da oficial. Um dêles é o de música classica, apresentado durante as horas do dia, e para quem a direção da emissora dedica todas as atenções, tendo adquirido ainda recentemente uma elevada quantidade de gravações dos melhores autores e das peças musicais de maior valor.

As realizações dessa poderosa radio-difusora montanheza não se limitam apenas aos esfôrços pelas suas programações que poderiamos chamar "meditadas". Fóra dos programas especializados, de fundo mais intelectual, destaca-se o esforço constante da sua direção artística, que consegue fazer a Inconfidencia uma estação pioneira na revelação de valores no Brasil, graças a um acurado senso de seleção.

Basta dizer-se nesse sentido, que muitos dos grandes artistas da música popular brasileira, depois de terem procurado a gloria nas estações cariocas e paulistas, sem obterem o sucesso merecido, são trazidos a Minas e apresentados pela Inconfidencia a todo o país, na sua poderosa onda, saindo daquí para o grande estrelado nacional.

Artistas do interior do Estado ou mesmo da capital, que jamais teriam uma oportunidade de se revelarem, são também aproveitados pela Inconfidencia e colocados no lugar que merecem o seu valor e o seu esforço.

Ao contrario dessa busca constante de valores novos, a Inconfidencia esmera-se tambem na escolha e apresentação dos cartazes de real valor que entre os primeiros da nossa radiofonia têm o seu publico e o seu nome feito.

No cenário da grande arte internacional, bastaria apresentar-se Brailowsk, como um dos artistas que a PRI-3 levou ao seu microfone, se ao lado do genial pianista não se tivessem emparelhado também Bidú Saião e todos os grandes nomes que já vieram até Belo Horizonte.

E entre os artistas populares do Brasil ou dos demais paises, pode-se dizer que nenhum deles passou por Minas sem realizar a sua temporada na oficial. Tito Guizar, Trigemeos Vocalistas, Alvarenga e Ranchinho, Linda Batista, são cartazes que nos lembram temporadas inesqueciveis da mesma maneira que Linda Rodrigues, Emilinha Borba e varios outros.

E' bem dificil e complexa a tarefa das emissoras que pretendem consultar as finalidades reais do radio como instrumento educador e o gosto público mal habituado a programas pouco variados. Mas a Inconfidencia realizou esse trabalho delicado, e os seus ouvintes são hoje os brasileiros de todas as camadas, de todos os gostos, e das sensibilidades artísticas ou da cultura mais variada.

Situação Demografica do Estado de Minas Gerais (1)

População do Estado e seu respectivo crescimento, segundo os recenseamentos gerais:

1872	2.102.689 hab.
1890	3.184.099
1900	3.594.471
1920	5.888.174
1940	6.805.904 (2)

População do Estado por zonas, segundo o recenseamento de 1940:

Zonas	Pop. Absoluta	Pop. Relativa (Hab. por Km²)
Mata	1.681.256	28,3
Sul	1.331.306	23,9
Centro	1.163.806	13,5
Oeste	762.808	12,1
Leste	600.003	10,1
Triangulo	485.001	6,2
Nordeste	449.653	6,0
Norte	263.042	4,5
Noroeste	69.029	1,2

(1) Aspectos Estatisticos de Minas Gerais de 1943.

(2) A população do Estado para 1940 é o resultado provisório do Recenseamento de 1. de Setembro, excluídos 67.103 Habitantes recenseados pela Delegacia Especial na região da Serra Aimorés, nos limites com o Estado do E. Santo.

"O educador deve levar a sua abnegação até se desinteressar do reconhecimento... Mas ao respeito é que não pode renunciar."

(Illid — pag. 572).

"A criança não é um vaso para encher, mas uma alma a enobrecer". — (Platão)

CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL

Rua da Baía, 1649 -- Fone 2-0151

Aceita depósitos nas seguintes contas:

Populares

Movimento

Prazo fixo

Retiradas por meio de cheques

SERVIÇO RÁPIDO E SEGURO

Garantia do Govêrno do Estado de Minas Gerais

Agências em todos os municípios mineiros

Origem: Doação
Preço: —